

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

TAMILES PAIVA NOVAES

IMPLICAÇÕES E ASPECTOS LINGUÍSTICOS NA ESCRITA DE UM SUJEITO
AFÁSICO

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2016

TAMILES PAIVA NOVAES

**IMPLICAÇÕES E ASPECTOS LINGÜÍSTICOS NA ESCRITA DE UM SUJEITO
AFÁSICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Patologias da Linguagem

Orientadora: Professora Doutora Nirvana Ferraz Santos Sampaio.

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2016

Novaes, Tâmilis Paiva.

N816i Implicações e aspectos linguísticos na escrita de um sujeito afásico / Tâmilis Paiva Novaes, 2016.
85f. : Il.

Orientador (a): Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio.
Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLin, Vitória da Conquista, 2016.
Referências: f. 82-84

1. Afasia. 2. Neurolinguística. 3. Linguagem I. Sampaio, Nirvana Ferraz Santos. II. Universidade Estadual Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística- PPGLin. III. T.

CDD: 616.8552

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Implications and linguistic aspects in the writing of an aphasic subject

Palavras-chave em inglês: Neuro. Aphasia. Language.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello Pires (UESB); Profa. Dra. Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo (UNICAMP)

Data da defesa: 25 de fevereiro de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

TAMILES PAIVA NOVAES

**IMPLICAÇÕES E ASPECTOS LINGÜÍSTICOS NA ESCRITA DE UM SUJEITO
AFÁSICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 25 de fevereiro de 2016.

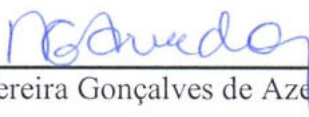
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)
(Orientadora)



Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello Pires (UESB)



Profa. Dra. Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo (UNICAMP)

A RR (*in memorian*), pela alegria compartilhada.
A minha mãe, Denise, minha musa inspiradora.
Ao meu pai, Oldach, fonte inesgotável de carinho.
As minhas irmãs, Tayná e Laís, alegria
compartilhada é alegria redobrada.
A minha sobrinha Maria Luísa, pedacinho do céu.
A Hítalo, síntese do verbo amar.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

Sinto um carinho enorme por todos que me auxiliaram, de uma maneira ou de outra, a crescer junto com este trabalho. Agradeço imensamente a todos que estiveram do meu lado nas horas de aflição e de alegria. Sem as palavras de cada um de vocês, nada disso seria possível.

À orientadora professora Dra. Nirvana Ferraz S. Sampaio, pela paciência, amizade, discussões e conhecimento compartilhado. Não conseguiria expressar em palavras minha eterna gratidão.

À professora Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires, por me ajudar a compreender as nuances da afasia e da síndrome de Down e por aceitar fazer parte deste trabalho com suas doces e preciosas palavras.

À professora Dra. Maíra Avela Miranda, minha gratidão por ter aceitado participar do exame de qualificação da dissertação e por suas valiosas palavras.

À RR, agradeço cada olhar de carinho. Agradeço ao universo esse encontro.

Aos sujeitos do Ecoa, por tornar as minhas manhãs de sexta um encontro de alegria e renovação de energia.

Aos amigos e colegas do Lapen, sem vocês essa caminhada não seria tão divertida. Agradeço cada palavra de incentivo e força.

Aos funcionários do Ecoa John e as meninas, que sempre me auxiliaram nas burocracias do mestrado, na organização dos encontros e na disposição de providenciar o que era preciso.

A CAPES, pela bolsa de estudos.

À minha amiga e colega Eloísa, pelo incentivo de sempre.

Ao amigo Selso, por ter tido paciência em me escutar nos momentos de aflição. Por dividir comigo a angústia desse momento.

Aos amigos Nelson, Jéssica, Laiane e Gis, por me tranquilizarem nos momentos de tristeza e me alegrarem nas conversas despreocupadas.

Aos amigos Fred, Ramon e Gal, pelos momentos de alegria e de angústia compartilhados, mas, fundamentalmente, pela amizade constituída.

À minha família, por ser tudo em minha vida.

À Maria Luísa e Esther, pinguinhos de gente, presente da vida.

À Hitalo, pelo carinho, apoio e compreensão.

À Deus, pois ele é amor. Porque ele está em todos os lugares que passo.

"Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada."

Eduardo Galeano, O Livro dos Abraços.

RESUMO

A princípio, o interesse em estudar as patologias da linguagem sempre esteve ligado a uma disfunção anatomo-fisiológica do cérebro. Entretanto, com a mudança do paradigma do século XIX, o cérebro começa a ser estudado de maneira científica e o interesse passou a ser estudar e desvendar as relações entre cérebro e linguagem. A descrição das alterações de linguagem decorrente do sujeito cérebro-lesado deu origem a afasiologia. Na contra mão dessa tendência, a Neurolinguística, campo moderno nos estudos afasiológicos, deu-se no desdobramento dos estudos de processos linguísticos e cognitivos do cérebro normal ou patológico, que concebe a linguagem um lugar de interação e interlocução de sujeitos. Tradicionalmente, a linguagem escrita não é abordada de maneira significativa nos estudos das afasias, isso justifica a nossa escolha de empreender uma discussão sobre o processo de (re)construção da linguagem escrita e as estratégias usada por RR para driblar suas dificuldades, e pra isso, partimos de três pontos fundamentais: 1) a consideração da importância dos processos de letramento do sujeito, 2) a consideração das condições da interação que ocorrem e 3) como as atividades desenvolvidas no Ecoa¹ interferem no processo na (re)construção da linguagem. Nesta dissertação, apresentamos algumas conceituações implicadas na compreensão do estatuto da linguagem escrita nos estudos relacionados à Neurolinguística, como os estudos desenvolvidos por Luria e por Vygotsky. Escolhemos algumas categorias de análises para os dados que procuraram abarcar a hipótese de que as condições de letramento e de inserção nas práticas de leitura e escrita colaboram para o reingresso do sujeito RR no mundo da escrita. Sob a ótica desses conceitos, o objetivo deste trabalho é analisar o efeito das práticas sociais com a linguagem na (re)construção da escrita do sujeito RR. A elucidação da pesquisa foi realizada através dos dados qualitativos das produções escritas de RR, retiradas das reuniões em grupo e individual, e que colocava o sujeito em diversas situações dialógicas e de práticas de leitura e escrita. O grupo de acompanhamento coletivo é realizado no ECOA (Espaço de convivência entre afásicos e não afásicos). O acompanhamento longitudinal e as análises recorrem aos estudos da Linguística aliados aos estudos da Neurolinguística. Identificamos como o acompanhamento foi decisivo para a evolução e para a reinserção de RR nas práticas com a linguagem. Assim, buscamos contribuir para o desenvolvimento teórico acerca do funcionamento da linguagem na patologia.

PALAVRAS-CHAVE

Neurolinguística. Afasia. Linguagem.

¹ Espaço de Convivência entre Afásicos e não afásicos

ABSTRACT

At first, the study about pathologies of language has been linked to an anatomic- physiologic dysfunction of the brain. However, with the change of the paradigm of the nineteenth century, the brain begins to be studied in a scientific manner to unravel the relationship between brain and language. The description of language disorders resulting from injured-brain man gave rise to aphasia. In the other hand, Neuro, modern field in aphasia studies took place in the studies of linguistic and cognitive processes in normal and pathological brain that conceives language a place of interaction and dialogue of subjects. Traditionally, the written language is not addressed in a meaningful way in studies of aphasia , this justifies our choice to engage in a discussion of the process of written language (re)construction and the strategies used by RR to circumvent his difficulties , and for that we start from three key points : 1) the consideration of the importance of literacy processes of the subject, 2) consideration of the interaction conditions that occur and 3) how the activities during the Ecoa² interfere with the process in the (re)construction of language. In this dissertation, we present some concepts involved in comprehension written language status in studies related to the Neuro, as the studies developed by Luria and Vygotsky. We choose some categories of analysis for the data that sought to embrace the hypothesis that the conditions of literacy and inclusion in reading and writing practices collaborate for the re-entry of the subject RR in the writing world. From the perspective of these concepts, the aim of this study is to analyze the effect of social practices with the language in the (re)construction of the subject of writing RR. The elucidation of the survey was conducted through qualitative data of the written productions of RR, taken from the group meetings and individual , and put the subject in different situations and dialogic reading and writing practices . The collective monitoring group is held at the aphasic and non aphasic living space (ECO A). The longitudinal monitoring and analysis turn to studies of linguistics allies to the Neuro studies. We identified as the monitoring was crucial to the evolution and to rehabilitate RR for practices with language. Thus, we seek to contribute to the theoretical development about the functioning of the language in the pathology.

KEYWORDS

Neuro. Aphasia. Language.

² Aphasic living space

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Unidades funcionais de Luria.....	18
Figura 2 – Escrevendo o próprio nome.....	39
Figura 3 – Dado 1.....	49
Figura 4 – Dado 2.....	50
Figura 5 – Diário de Rosângela.....	51
Figura 6 – Dado 3.....	53
Figura 7 – Dado 4: Tâmbiles Letras Vernâculas.....	55
Figura 8 – Dado 5	56
Figura 9 – Dado 6.....	57
Figura 10 – Dado 7.....	58
Figura 11 – Dado 8.....	61
Figura 12 – Dado 9.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Unidades e Zonas	20
-----------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 RR: UM QUADRO DE AFASIA	16
2.1 A NEUROLINGÜÍSTICA	17
2.2 A HISTÓRIA DA AFASIOLOGIA E NEUROLÍNGUISTICA	18
2.3 A NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA	20
3 A TEORIA DOS POLOS METAFÓRICO E METONÍMICO DE JAKOBSON: O ESTUDO DA AFASIA NO ÂMBITO DA LINGÜÍSTICA.....	25
3.1 A TEORIA DOS SIGNOS SAUSSURIANOS	25
1.3.1 As relações de Seleção e Combinação Jakobsoniana	26
4 A DINÂMICA DO SISTEMA NERVOSO POR LURIA.....	29
4.1 UM BREVE PERCURSO SOBRE O CONCEITO DE SISTEMA FUNCIONAL COMPLEXO DE LURIA.....	29
4.2 SISTEMA FUNCIONAL COMPLEXO.....	29
4.2.1 As Unidades Funcionais de Luria.....	30
5 ABORDAGEM SÓCIO-COGNITIVA DE VYGOTSKY: O PAPEL DO MEDIADOR NA LINGUAGEM.....	36
6 ESCRITA E AFASIA.....	40
6.1 A Perspectiva Discursiva.....	40
6.2 Escrita e letramento	41
6.2.1 A Importância da Escrita	42
6.3 Letramento.....	43
7 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	45
7.1 PRINCÍPIOS ÉTICOS DA PESQUISA	45
7.2 O ECOA	46
7.3 CARACTERÍSTICAS DOS ACOMPANHAMENTOS	46
7.4 PRÁTICA (CLÍNICA) COM A LINGUAGEM DO ECOA	47
7.5 O SUJEITO RR	49
7.6 DADOS DO HISTÓRICO DE AVC DE RR.....	50
7.7 O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DO DADO-ACHADO ...	53
7.8 METODOLOGIA QUALITATIVA	55
7.9 ABORDAGEM QUALITATIVA DE MINAYO	56
7.9.1 As práticas de linguagem com o sujeito RR.....	57

8 O RESULTADO DAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM PRODUZIDAS POR RR.....	59
8.1 RR E A MODALIDADE ESCRITA.....	59
8.2 O PROCESSO DE CÓPIA.....	66
8.3 A RELAÇÃO LEITURA / ESCRITA	71
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS	82
ANEXO.....	85
ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO APRESENTADO AO SUJEITO RR.....	85

1 INTRODUÇÃO

Afetando sobremaneira a linguagem (oral e escrita) e por decorrência todos os processos afeitos a ela (a própria identidade, a afetividade, o papel social), não é difícil imaginar o impacto da afasia sobre a completa vida das pessoas que com ela passam a conviver... É preciso lembrar que não é raro que as afasias, que decorrem de lesão cerebral adquirida por sujeitos até então “normais” do ponto de vista de sua capacidade de usar a linguagem para vários propósitos, sejam acompanhadas por dificuldades físicas importantes, como paralisias [...] e demais alterações cognitivas (como uma desorganização da atividade gestual ou da percepção visual). (Morato, 2000, pp. 65-66).

O sujeito, cuja linguagem estará em foco nesta dissertação, RR, foi diagnosticado em 2012 como um caso de afasia decorrente de um Acidente Vascular Cerebral Hemorrágico (AVC). Nesse estudo, passamos a investigar o seu quadro a partir dos “sintomas” apresentados nos dois anos de acompanhamento.

Com a manifestação da afasia, o sujeito RR não conseguia mais escrever nem mesmo o seu nome, não somente por uma questão motora, mas também pela impossibilidade de reconhecimento dos grafemas. Assim, questionamos: até que ponto as práticas sociais de leitura e escrita podem colaborar para a (re)organização da escrita desse sujeito afásico?

Tradicionalmente, a linguagem escrita não é abordada de maneira significativa nos estudos das afasias, isso justifica a nossa escolha de empreender uma discussão sobre os processo de (re)construção da linguagem escrita e as estratégias usada por RR para driblar suas dificuldades, e para isso, partimos de três pontos fundamentais: 1) a consideração da importância dos processos de letramento do sujeito, 2) a consideração das condições da interação que ocorrem e 3) como as atividades desenvolvidas no Ecoa interferem no processo da (re)construção da linguagem.

Nesta tese, apresentamos algumas conceituações implicadas na compreensão do estatuto da linguagem escrita na afasia e nos estudos relacionados à Neurolinguística, como os estudos desenvolvidos por Luria e por Vygotsky. Escolhemos algumas categorias de análises para os dados que procuraram abarcar a hipóteses de que as condições de letramento e de inserção nas práticas de leitura e escrita colaboram para o reingresso do sujeito RR no mundo da escrita.

Nosso objetivo nesta dissertação é analisar o efeito das práticas com a linguagem na (re)construção da escrita do sujeito RR. Nesse sentido, tornam-se objetivos específicos: relatar como ocorre a interação entre RR e seus interlocutores, analisar o processo de (re)construção da escrita e evidenciar as estratégias usadas por RR para driblar suas dificuldades, observar o acesso a escrita de RR após o AVC e mostrar, sobretudo, o efeito das práticas sociais com a linguagem para a estabilização do quadro. Destacamos o trabalho realizado com a modalidade

escrita, pela relevância e importância que esta tinha em sua vida. Acreditamos que o estudo da linguagem do sujeito RR dá visibilidade e contribui para o desenvolvimento teórico acerca do funcionamento da linguagem nas patologias.

Para alcançar esses objetivos explicitados, a reflexão que apresentamos se organiza da seguinte maneira:

No primeiro Capítulo – **RR: um quadro de afasia** – faremos uma apresentação da afasia e as questões relacionadas a ela. Dessa forma, explanaremos uma descrição geral dessa patologia da linguagem, um histórico dos estudos de Gal, Broca, Wernicke, Luria, Jakobson e apresentaremos, também, a Neurolinguística Discursiva (doravante ND), a partir dos estudos de Coudry. A justificativa da escolha pela prática discursiva da ND se dá, uma vez que, a prática (clínica) não separa língua(gem), cultura e sociedade, e compreende o sujeito como parte do corpo social (SAMPAIO, 2006). Para fundamentar as discussões apresentadas, baseamo-nos nos trabalhos de Luria (1981), sobretudo na concepção de cérebro como um Sistema Funcional Complexo, que orienta a ND: um cérebro dinâmico, plástico e produto da evolução sócio-histórica do homem. Abordaremos, brevemente, as concepções linguísticas de Saussure que fundamentaram a teoria dos polos metafórico e metonímico de Jakobson, o primeiro linguista a estudar as nuances das afasias. Para isso, utilizaremos como âncora o livro “Comunicação e Linguística”. Para Jakobson, a linguagem é definida a partir de duas operações, que presidem todo ato de fala: a seleção e a combinação. O estudo em especial, recorrerá a respeito do estatuto descritivo e explicativo dos eixos de seleção e combinação/metafórico e metonímico. Em uma releitura do mestre genebrino, o estudioso russo, Jakobson, utiliza a sua teoria das relações Sintagmáticas e Associativas para compreender as mudanças na relação do afásico com a língua. Apresentaremos, inicialmente, uma breve discussão sobre o conceito de escrita, tanto no conceito neuropsicológico, quanto como atividade cultural que constitui o sujeito. Para isso, recorreremos aos estudos de Ana Paula Santana sobre os indícios da escrita e as operações de reelaboração e de Tfoní sobre as questões de letramento. Pressupostos importantes, pois nos ajudaram a observar o acesso à escrita e a verificar o grau de letramento do sujeito RR após o AVC.

No Capítulo 2 – **Aspectos metodológicos da pesquisa** – consideramos relevante apresentar as atuais reflexões da Neurolinguística, o dado-achado, e como ela estabeleceu uma metodologia coerente com os princípios da perspectiva sócio-histórico-cultural que serve de base tanto para nosso trabalho de pesquisa, quanto para o acompanhamento de sujeitos com alterações de linguagem. Apresentamos o histórico neurológico, os resultados de uma avaliação médica, e uma descrição neurolinguística do caso de RR através dos aspectos

relativos às produções nas atividades com a modalidade escrita. Nesse sentido, recorreremos ainda a alguns dos conceitos de mediação de Vygotsky para a reflexão e análise dos enunciados escritos de RR. Serão também descritas as atividades realizadas em sessões individuais e em grupo, que RR frequentava desde 2013, bem como outros aspectos relativos à seleção e análise dos dados.

No Capítulo 3 – **O resultado das práticas linguagem produzidas por RR**– discutimos questões relativas à escrita e como os estudos linguísticos têm sido (ou não) incorporados nas reflexões sobre as alterações de linguagem. A partir da análise dos dados obtidos nas sessões individuais e em grupo, observamos como as atividades de leitura e escrita foram importantes para que RR pudesse se manter na língua(gem) e nas relações sociais, (re)organizando suas memórias e atuando, ainda que sob o impacto da afasia e do comprometimento cognitivo, como sujeito de linguagem. Procuramos discutir, em linhas gerais, como esse trabalho pode ser incorporado na avaliação e no acompanhamento de sujeitos com alterações de linguagem.

2 RR: UM QUADRO DE AFASIA

“Não uso apenas o meu cérebro, mas todos que posso tomar emprestado”.

(Woodrow Wilson)

Esta dissertação apresenta e analisa o acompanhamento longitudinal de um sujeito que foi acometido por um Acidente Vascular Cerebral (AVC): RR. Neste estudo, buscou-se privilegiar as relações estabelecidas por ele com o funcionamento da linguagem, a (re)estruturação da linguagem e os caminhos percorridos por ele. No trabalho realizado com RR, é possível observar os meios utilizados por ele para (re)organizar a escrita, em acompanhamentos individuais e em grupo, e como ele se inseriu nesse acompanhamento.

Em primeiro lugar, é necessário apresentarmos o conceito de afasia que é uma alteração de linguagem, com perda da capacidade de expressão e ou compreensão através da fala e escrita. Segundo Coudry (1988), a afasia é uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, tanto do seu aspecto produtivo (relacionado com a produção da fala), quanto interpretativo (relacionado com a compreensão e com o reconhecimento de sentidos), causado por lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de acidentes vasculares (AVCs), traumatismos crânio-encefálicos (TCEs) ou tumores.

Em decorrência da afasia, algumas alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos, geralmente, surgem como sequelas. As alterações que geralmente acompanham a afasia são a hemiplegia (paralisia de um dos lados do corpo), a agnosia (distúrbio do reconhecimento), a apraxia (distúrbio da gestualidade), a anosognosia (falta de consciência do problema por parte do sujeito cérebro lesado), entre outras. É importante observarmos que não se trata de afasia as alterações de linguagem nos contextos das psicopatologias, como na esquizofrenia ou autismo, nas deficiências mentais e auditivas, nas demências e ou nas amnésias.

Ainda segundo Coudry (1988), um sujeito está afásico quando lhe faltam recursos próprios da linguagem, tanto produtivos quanto interpretativos. Portanto, a afasia é, essencialmente, uma questão de linguagem, um problema discursivo, não redutível aos níveis linguísticos, ou seja, a língua. A afasia como alteração do funcionamento da linguagem é considerada a partir de um evento neurológico e distingue-se das trocas ou dificuldades com a linguagem apresentadas por pessoas em perfeitas condições de saúde.

Para Morato (2001):

após o dano cerebral, a qualidade de vida do sujeito cérebro-lesado será proporcional à intensidade da afasia. E isso dependerá, entre outras coisas, do grau da extensão e importância do comprometimento lesional, da etiologia da afecção, das sequelas neurológicas e neurolinguísticas resultantes e das características do próprio sujeito.

As sequelas de linguagem são manifestadas no linguístico (língua oral e escrita) e possuem diversas naturezas: fonética, fonológica, morfológica, sintática e semântica. Como por exemplo, a anomias, dificuldade de selecionar ou evocar palavras; as parafasias, substituição da palavra-alvo (aquela pretendida pelo sujeito) por outra, ou da troca de um som por outro, podendo variar o grau de similaridades entre os sons e palavras pretendidos e aqueles efetivamente realizados; longas pausas ou hesitações; um ritmo muito acelerado; uma fala laboriosa ou ter um aspecto “telegráfico”, entre outras.

É importante ressaltar que a afasia não envolve somente o indivíduo, mas também a família e amigos, que geralmente necessitam de apoio e podem seguir orientações práticas como: manter atitudes positivas junto ao indivíduo, evitar comentários que prejudiquem o bem estar e respeitar as suas opiniões. Isso tudo é importante, pois influencia o processo de (re)construção linguística, cognitiva e social do sujeito. Segundo Morato (2001), a maneira como se lida social e subjetivamente com a afasia condiciona, de certa forma, a sorte dos que com ela convivem. Portanto, a afasia deixa de ser uma questão de saúde, de ser uma questão linguística e torna-se uma questão social.

2.1 A NEUROLINGUÍSTICA

Esta dissertação tem por base o acompanhamento longitudinal de RR que teve início em novembro de 2013 e se assenta nos pressupostos teórico-metodológico da Neurolinguística Discursiva. Neste estudo iremos descrever sucintamente o que a ND propõe e como o acompanhamento se caracteriza por práticas dialógicas que procuram evidenciar o modo com RR encara as alterações de linguagem desde o episódio de AVC. Nas sessões seguintes iremos apresentar o percurso histórico da afasiologia e da neurolinguística. Por fim, explanaremos sobre a perspectiva da Neurolinguística Discursiva e o que a diferencia das outras práticas terapêuticas.

Segundo Morato (2001), “parece óbvio, levando em conta o hibridismo da palavra, que neurolinguística diga às relações entre linguagem e cérebro e que acione dois campos do

conhecimento humano para explicá-las, as neurociências e a linguística”. Entretanto, muitas questões ainda precisam ser respondidas nessa relação entre a linguagem e o cérebro, bem como o funcionamento de ambos. Mas aceitamos aqui a noção de Neurolinguística como campo de estudo das relações entre linguagem e cérebro e que às ciências humanas e as neurociências possuem o mesmo objeto de estudo.

No início do século XIX, a Frenologia iniciou os estudos relacionados aos problemas cérebro-linguagem, e com eles os estudos anátomo-fisiológicos da linguagem e seus distúrbios. As descrições das alterações de linguagem decorrentes de lesões cerebrais, realizadas por médicos anatomistas deu origem a afasiologia.

Mas o que é a afasiologia? Podemos dizer que é o estudo das afasias, ou seja, observa os problemas de linguagem decorrentes de uma lesão focal adquirida no sistema nervoso central. Segundo Morato (2001), a afasiologia, nesse início, pode ser definida como o campo de estudo das correlações entre linguagem e determinadas áreas do cérebro que seriam por ela responsáveis. A Neurolinguística nasce, portanto, dessa relação dos estudos específicos das afasias aos estudos de processos linguísticos. Devemos lembrar que a Neurolinguística se interessa, de maneira geral, pela cognição humana e de maneira mais específica pela linguagem e por processos afeitos a ela.

A Neurolinguística discursiva, praticada na Unicamp, e que serve de base teórica neste estudo será mais bem elucidada na seção 1.2.

2.2 A HISTÓRIA DA AFASIOLOGIA E NEUROLÍNGUISTICA

O cérebro sempre foi motivo de estudo, por diversos séculos ele esteve ancorado a uma abordagem científica e filosófica. Na idade média, há dois mil anos atrás, Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), indicou a existência de uma substância não material, a alma. Esta era independente do corpo e responsável pelo pensamento e pelas percepções e emoções humanas. O cérebro, por sua vez, teria a única função de arrefecimento do corpo. No entanto, Descartes (1596-1650) e Darwin (1809-1882) contestaram a ideia proposta por Aristóteles. Descartes defendeu que as capacidades exclusivamente humanas estavam localizadas na mente, fora do cérebro. Dois séculos mais tarde, esta ideia foi desdobrada com Darwin. Ele explicou o comportamento racional como exclusivo resultado do funcionamento do cérebro e do restante sistema nervoso, e não mais a mente.

Ao longo de vários milênios, a visão de que o cérebro constituía um elemento que diferenciava a espécie humana em relação as demais espécies e que era responsável por

funções de regulação importantes, pensamento que se tornou cada vez mais claro. Entretanto, somente no século XIX dá-se início ao estudo científico do cérebro com interesse em estudar e desvendar seus mistérios - o que foi feito a partir de estados patológicos de linguagem cujo foco é a afasia.

Para muitos, a afasiologia surgiu com o francês Paul Broca, em 1861, quando ele apresentou o estudo do cérebro de um dos seus pacientes, chamado Leborgne, apelidado “Tan-tan” por ser esta a única forma expressiva utilizada para se comunicar. A afasia descrita por ele se caracterizava como um distúrbio de linguagem articulada, sem problemas de cognição e que afetou basicamente o aspecto expressivo da linguagem.

Contudo, foi de Gall, no início do século XIX, as primeiras correlações anátomo-fisiológicas vistas a olho nu na caixa craniana. Ele estabeleceu a relação entre a área lesada e manifestações clínicas de pacientes neurológicos. A teoria de Gall, conhecida como Frenologia, defendia a ideia de que as diferentes características e os diversos traços de personalidade, morais e intelectuais, dependem de faculdades inatas e distintas que têm por sede uma parte bem determinada do córtex cerebral.

Em 1865, depois de reforçar as ideias localizacionistas de Gall e fundamentar-se nos vários estudos que se caracterizavam como um distúrbio de linguagem articulada, sem problemas de compreensão ou déficits linguísticos e cognitivos, Broca estabelece a parte posterior da terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo (hoje conhecida como área de Broca) para a sede da linguagem articulada. Essa ideia ainda é empregada apesar do avanço dos estudos neurológicos e neuropsicológicos.

A afasia estudada pelo médico alemão Carl Wernicke, a sensorial, leva seu nome e decorre de lesão no lobo temporal esquerdo. Para ele, assim como uma lesão unilateral anterior é suficiente para perturbar a expressão oral, uma lesão do mesmo lado, situada posteriormente no hemisfério, causa problemas de compreensão da linguagem falada. A ideia da área de Wernicke também pendura até os dias atuais.

Apenas na primeira metade do século XX os linguistas começaram a estudar as afasias como a intenção de testar ou confirmar suas teorias. Nesse sentido, a afasiologia com suas fontes de dados contribuiu para o desenvolvimento da teoria linguística. Entretanto, as análises mais abrangentes do fenômeno afásico foram feitas recentemente, conforme Coudry (1988), os primeiros afasiólogos (médicos ou linguistas) avistavam a linguagem “pela fresta estreita de descrições gramaticais e modelos redutores”.

Com o modelo Estruturalista e a distinção entre língua e fala, os estudos da afasia foram conduzidos em direção ao estudo da língua, ou seja, passou a ser vista como um

sistema fechado, autônomo, homogêneo e inato. Segundo Morato (2001), “com isso, a afasia acabava sendo definida não como um problema de linguagem em toda a sua abrangência, mas basicamente como um problema de aspectos internos, subjetivados e representacionais”.

2.3 A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA

A noção de linguagem abraçada pela Neurolinguística Discursiva é mais abrangente que a tradicional, e, como o próprio nome encerra, tem caráter discursivo, mais adequado ao estudo da linguagem na patologia, pois tem como objetivo tornar visíveis tanto às alterações que o indivíduo apresenta e as tentativas de superá-las, quanto os processos alternativos de significado de que se serve para enfrentar as dificuldades linguísticas as quais é exposto (COUDRY; POSSENTI, 1983 p. 15).

Coudry (1988) introduz a visão de discursivo nos estudos da afasia, rejeitando práticas de avaliação de sujeitos afásicos baseadas em testes metalinguísticos, pautadas em uma visão da língua como código e apartadas do “exercício da linguagem em situações efetivas de vida social” (op.cit.: 3). Para ela era preciso fundamentar um outro olhar sobre a avaliação das afasias .

Nesse sentido é que Coudry (1986/88: 13) vê a necessidade de se aproximar das teorias enunciativas e discursivas considerando que “esses novos pressupostos e propósitos somente podem realizar-se na perspectiva do discurso”.

O conceito de prática discursiva, tal como formulado em Maingueneau (1989) e retomado pela autora, envolve a reversibilidade essencial entre as duas faces do discurso, a textual (verbal) e a social, em cujo trânsito se dá a relação da língua com a cultura, do sujeito com o outro e o mundo social. Situações dialógicas e práticas discursivas permitem ao sujeito afásico o exercício da linguagem que o coloca em relação com o outro, com a língua, com a cultura e com a afasia.

A visão da linguagem que rege os pressupostos da ND é a mesma pautada por Franchi (1992) que a concebe como um lugar de interação humana, de que o sentido é apreendido a partir do contexto social, histórico e ideológico, sendo característica principal dessa noção de linguagem, o diálogo. Para o autor, “a linguagem designa um processo que não está sujeito a um conjunto estável e permanente de categorias, pois responde à provocação da imaginação; que constitui, mas não se institui; que não se fixa, mas retoma e se renova”. (FRANCHI, 1992, p. 31), rejeitando assim toda a redução da linguagem a um sistema formal.

Franchi (1976) reafirma:

Bem repetindo Humboldt, a linguagem é um processo, cuja forma é persistente, mas cujo escopo e modalidades do produto são completamente indeterminados; em outros termos, a linguagem em um de seus aspectos fundamentais, é também um instrumento de subversão das categorias e criação de novas estruturas. Nesse sentido, a linguagem não é somente um processo de representação, de que se podem servir os discursos demonstrativos e conceituais, mas ainda uma prática imaginativa que não se dá em um universo fechado e estrito, mas permite passar, no pensamento e no tempo, a diferentes universos, mais amplos, atuais, possíveis ou imaginários (FRANCHI, 1976, p. 54).

Coudry, também, busca em Benveniste, “Teoria da enunciação”, o preceito de que “antes da enunciação, a língua é apenas possibilidade de língua” (BENVENISTE, 1970, p. 14). De Freud, em “A interpretação das afasias”, ela leva, entre outras questões, de que “falar pressupõe estar na relação com o outro, o que se faz pela via do sentido, associando a imagem sonora da palavra ouvida com a impressão cinestésica/inervação do aparelho motor da fala com o objetivo de aproximar o som produzido do som ouvido.” (COUDRY, 2008, p.12).

Quanto à Análise do Discurso (AD), a Neurolinguística procura bases para a discussão que envolve a constituição dos dados (linguísticos, cognitivos), com o empenho por estudos que se dedicam a memória discursiva e com as condições (ideológicas, culturais, afetivas) de produção da linguagem.

Ir além do que se diz, do que fica na superfície das evidências. (Orlandi, 2001, p.29). Essa citação da Eni Orlandi ilustra muito bem o método analítico da AD. enquanto teoria que se propõe a interpretar fatos linguísticos. Ao analisar a linguagem humana e os processos de significação, ou seja, “os efeitos de sentido” a partir de seu objeto de análise, “o discurso”, não pensa a linguagem como algo transparente, claro ou translúcido, pois tem como base a capacidade do ser humano de simbolizar.

Para a AD, o simbólico perpassa e atravessa a linguagem, tendo em vista que o inconsciente também se expressa e se materializa na língua. Ademais, outros fatores externos também afetam o sentido do que é dito, são fatores ideológicos caracterizados, por seu turno, pela realidade histórica e pela forma como o inconsciente se apresenta nos “discursos”.

Dentre os dispositivos teóricos e analíticos da qual se dispõe os analistas de discurso em seu exercício de interpretação, o conceito de “memória discursiva” se nos apresenta como algo de grande importância. A discussão quanto à noção de memória discursiva nos remete às palavras de Orlandi (2001) que nos diz que existem *circunstâncias que mostram que os sentidos*

não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não só dependem das intenções dos sujeitos. (p. 30).

A Neurolinguística, abordada neste estudo, fundamenta-se na abordagem discursiva, assim, dedica-se a ao estudo da heterogeneidade do uso da linguagem, à análise das interações humanas, às posturas ou gestos interpretativos do sujeito, ao debate do normal x patológico, a percepção histórico- cultural da cognição.

Segundo Morato (2001), *“o desenvolvimento da abordagem discursiva na Neurolinguística permite que explicitemos antigos problemas da Afasiologia e que descrevemos melhor tantos outros.”*

A autora afirma que estudos feitos por Luria, por exemplo, já mostravam a eficácia do acompanhamento longitudinal dos sujeitos acometidos por determinadas patologias, mesmo não sendo este o interesse naquela época. Por outro lado, a contribuição de Jakobson gira em torno da classificação de acordo com os “eixos” de organização da linguagem: o paradigmático, que estaria comprometido nos afásicos com dificuldades na seleção de elementos linguísticos dentro de uma mesma categoria; e o sintagmático, relacionado à sua combinação (fonemas em morfemas, estes em palavras; palavras em sentenças). Dessa forma, a fala “normal” seria caracterizada por uma bipolaridade, quando seleção e combinação funcionariam adequadamente e a fala “patológica” do afásico seria caracterizada pela ruptura dessa bipolaridade.

Coudry e Morato (1990) ampliam a concepção de neurolinguística, apoiadas em autores com Vygotsky (1987) e Pêcheux (1990), enfatizando que seu interesse é a produção de sentido e estudando a relação de discurso e cognição de modo dinâmico, histórico e integrado. Assim, segundo as autoras, estão integrados elementos cognitivos, socioculturais, linguísticos e psíquicos. Segundo Morato (2001), a Neurolinguística moderna interessa-se por estudos relacionados ao processamento da linguagem normal e patológica, mediante modelos criados não só pelo campo linguístico, mas também por outros campos, como a Neurociência, Neuropsicologia e Psicologia cognitiva.

A ND estuda, também, as repercussões dos estados patológicos e do funcionamento da linguagem buscando fundamentações teóricas linguísticas, faz estudos sobre os processos alternativos da linguagem (os verbais e não verbais), traz discussões sobre a forma como se avalia ou diagnostica os dados linguístico-cognitivos no campo clínico e linguístico; tece discussões sobre aspectos éticos e socioculturais relacionados a contextos normais ou patológicos, analisa os metadiscursos clínico-médicos sobre os distúrbios e as orientações terapêuticas e estuda, ainda, os processos discursivos que relacionam linguagem e cognição.

Coudry (1986/88) explica que a linguagem é, sobretudo, uma ação sobre o outro. Afirmar que as expressões linguísticas guardam relações com a subjetividade. Também, para a autora, é no discurso, ou seja, na *linguagem em funcionamento*, que se cruza o conhecimento coletivo e individual, sendo no meio do discurso que o sujeito se constitui com tal, ao mesmo tempo em que organiza a linguagem e sistematiza com o meio físico e social.

A ND, segundo Coudry (1988), propõe uma prática que avalia o sujeito de forma longitudinal, ou seja, por um período mais longo, no dia-a-dia. Acompanha-se o sujeito em situações reais e no uso efetivo da língua e não de forma artificial e numa única sessão. Outro diferencial é a análise e construção dos dados, que é feita a partir do dado-achado.

O dado-achado, segundo a autora, “é produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico de processos linguísticos cognitivos” e é a partir desta concepção de Neurolinguística que a autora desenvolveu o seu trabalho. O que torna o dado um dado-achado e diferenciado é o modo contextualizado em que é colhido e o olhar que é lançado sobre ele. O investigador utiliza o dado-achado como pista para entender os caminhos percorridos pelo sujeito, suas dificuldades e as estratégias encontradas. Há uma interpretação do dado. Esse modelo é inspirado no dado singular proposto pelo paradigma indiciário de Ginzburg³ (1986) que tem como proposta um modelo epistemológico baseado no detalhe, no particular, que mostra muito além daquilo que se vê superficialmente.

A ND ocupa-se, portanto, dos processos interacionais da linguagem, das relações entre os processos cognitivos e a linguagem, e as condições de produção. Ao mesmo tempo evita trabalhar com testes ou formulários, pois, tais procedimentos não reportam as relações de interlocução, não tornam claras as “intenções discursivas” Coudry (1986; 1988, p.15).

Ao descrever as condições e estratégias da prática clínica com a linguagem que envolve procedimentos metodológicos como a agenda, o álbum de retratos, o caderno de atividades, o trabalho com leitura do jornal, a interação com a família, a tematização de fatos e atividades de interesse social, Coudry (1988) defende que, com esses e outros procedimentos, é possível a reconstituição do indivíduo como sujeito dentro da língua, assim, observando os caminhos percorridos por ele para atingir os seus objetivos.

Apresentamos aqui noções norteadoras para a nossa investigação. Sabemos que a afasia encontra-se entre os diversos problemas que alteram a linguagem e acarreta alterações na vida social, profissional, emocional e pessoal de indivíduos que a possuem. Faz-se

³ Carlo Ginzburg era um historiador italiano e escritor do livro “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, que teve um importante papel no interior das ciências humanas e na estreita relação com a semiologia médica.

necessário pesquisar sobre o impacto gerado pela privação da linguagem na vida desses indivíduos, pois isso possibilita ao pesquisador elaborar meios de reabilitação, para que esses sujeitos consigam reestruturar e contextualizar a linguagem participando novamente das diferentes situações do convívio social. Acreditamos que com a possibilidade de uma interação social mais efetiva, com a inter-relação, o sujeito ganhará fortalecimento da sua autoestima e conseqüentemente na qualidade de vida.

Nas próximas sessões introduziremos algumas ideias centrais de **Jakobson, Luria e Vygotsky** sobre afasia – e que compõem a teorização recente da ND.

3 A TEORIA DOS POLOS METAFÓRICO E METONÍMICO DE JAKOBSON: O ESTUDO DA AFASIA NO ÂMBITO DA LINGUÍSTICA

Jakobson foi o primeiro linguista a chamar atenção para a questão de as afasias serem analisadas pela linguística. O seu intuito, inicialmente, eram construir uma teoria geral da linguagem, ou seja, uma teoria que explicasse o seu todo: aquisição, funcionamento, estrutura, alterações, entre outras. As afasias entram na teorização porque explica de maneira generalizada o funcionamento da linguagem, pois fogem a norma, a gramaticalidade e os padrões estruturais e funcionais da língua.

Nesta dissertação, aproximamos algumas concepções linguísticas, investigadas por F. de Saussure e, posteriormente, integradas por R. Jakobson (1985) a sua teoria dos eixos paradigmáticos (relações de substituição) e sintagmático (relações de combinação). Através da leitura do Curso de Linguística Geral, temos os pilares teóricos do linguista genebrino: língua, fala, relação, valor. Além disso, discutimos como os conceitos fundados pelo mestre serviram de base para um estudo estruturalista. Para isso, utilizamos como âncora o livro “Comunicação e Linguística” e, especificamente, o texto “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, de R. Jakobson. Para ele, a linguagem é definida a partir de duas operações, que presidem todo ato de fala: a seleção e a combinação. O estudo em especial, recorre a respeito do estatuto descritivo e explicativo dos eixos de seleção e combinação/metafóricos e metonímicos. Em uma releitura do mestre genebrino, o estudioso russo, Jakobson, utiliza a sua teoria das relações Sintagmáticas e Associativas para compreender as mudanças na relação do afásico com a língua.

3.1 A TEORIA DOS SIGNOS SAUSSURIANOS

Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi considerado o “pai da Linguística moderna”. Ele refletiu e teorizou sobre a ciência da linguagem na primeira década do século XX e surgiu como um marco na história da linguística. O mestre genebrino foi o estudioso que procurou definir um objeto de estudo, o que acarretou na fundação de uma ciência autônoma e independente de outros estudos.

Considerando, as questões relativas aos signos linguísticos, ou seja, aspectos ligados à semiologia/semiótica, Saussure definiu os signos como elementos essenciais de qualquer língua, para ele o signo linguístico (SAUSSURE, 1969, p.80), “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Assim, verificamos que o signo é uma

entidade psíquica de duas faces: o conceito e a imagem acústica. A primeira refere-se à imagem mental, ao referente que temos para designar o signo e a segunda refere-se à imagem acústica da sequência fônica que utilizamos para designar o signo.

A partir desse pressuposto, para a estrutura linguística produzir significação e relacionar os signos entre si para formar um discurso, o linguista propôs a díade sintagma/paradigma, em que ocorrem as relações e as diferenças estabelecidas entre os elementos do sistema linguístico. Toda a estrutura da língua sustenta-se nestes dois eixos: o eixo das relações de substituição (associativo/paradigmático) e o das relações de combinação (sintagmático); todos os elementos se definem pelas relações que estabelecem com outros elementos e com o próprio sistema linguístico.

As relações sintagmáticas acontecem *in praesentia*, ou seja, na linearidade da atividade linguística, realizando uma sucessão ordenada de elementos verbais. Já as relações associativas são realizadas *in absentia*, mentalmente (na memória), fora do discurso. Quando temos a intenção de proferir um enunciado, levamos em conta o propósito, o assunto e o público a quem será dirigido e, com a nossa bagagem mnemônica de signos linguísticos, selecionamos, via eixo paradigmático, aqueles que nos parecem mais adequados para a ocasião e operamos uma combinação desses elementos na linearidade do enunciado. Com base no caráter linear do signo linguístico, a língua é formada de elementos que se sucedem um após outro linearmente na cadeia da fala e “que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (1969, p. 142). Saussure chama a relação entre esses elementos combinados na extensão de sintagma.

O estudo da díade sintagma/paradigma tornou-se importante para o desenvolvimento das investigações linguísticas de Jakobson (1985), que utilizou a díade para relacionar às associações e substituições mentais de língua variadas.

1.3.1 As relações de Seleção e Combinação Jakobsoniana

Jakobson (1985) utiliza os eixos de seleção e combinação de Saussure nos seus estudos e considera-os como constitutivos do movimento linguístico e como possível explicação para as afasias. Jakobson reinterpreta e renomeia essas relações (sintagmáticas e associativas) a partir das figuras de linguagem existentes na retórica clássica, metáfora e metonímia, daí o surgimento dos termos: processos metafóricos e metonímicos.

Como já foi dito, a ideia subjacente à metáfora e à metonímia para explicar o funcionamento da língua, estudada por Jakobson, é uma releitura da teoria das relações

associativas e sintagmáticas de Saussure. Para ele, os eixos dessas relações correspondem às duas formas de atividade mental humana, as quais são indispensáveis ao funcionamento da língua.

Segundo Jakobson (1985), o processo metafórico tem como característica a similaridade, isto é, envolve a seleção e a substituição, as quais são duas faces de uma mesma operação. Nesse contexto, é possível substituir um termo por outro equivalente em um aspecto e diferente em outro, graças à seleção entre termos alternativos. Já o processo metonímico apresenta como característica a contiguidade, o que indica que envolve a combinação e o contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística complexa.

A discussão realizada por Jakobson acerca dos processos metafóricos e metonímicos girou em torno da questão dos distúrbios da fala, ou melhor, da afasia. De acordo com Jakobson (1985), os distúrbios da fala podem afetar a capacidade de combinar e selecionar/substituir as unidades linguísticas.

Para saber qual das duas operações é principalmente afetada, Jakobson (1985) propôs a análise e a classificação de dois tipos de afasia: distúrbio da similaridade (tradicionalmente conhecido como afasia de recepção) e distúrbio da contiguidade (conhecido como afasia de emissão). No primeiro, a capacidade de seleção e substituição é fortemente afetada e o poder de combinação encontra-se parcialmente preservado. Assim, neste distúrbio, a contiguidade determina todo o comportamento verbal do afásico. Enquanto que no distúrbio da contiguidade ocorre o inverso. Jakobson, ao teorizar sobre os processos metafóricos e metonímicos com o intuito de dar conta dos distúrbios afásicos, avança no sentido de incluir o falante no funcionamento do código, ainda que por via de uma lesão orgânica. O estudioso considera a afasia como um distúrbio que está na linguagem ou no movimento dos signos no sistema.

Com bases nas reflexões e discussões apresentadas, podemos constatar a importância dos estudos de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson para a linguística moderna. Esta seção da dissertação buscou aproximar algumas ideias paralelas nas obras desses dois influentes linguistas do século XX. Saussure refere-se ao caráter dicotômico do signo linguístico, sustentando a estrutura da língua por meio de dois eixos: o sintagmático, das relações de combinação; e o associativo (paradigmático), das relações de substituição, nos quais os elementos estabelecem elos entre si e com o próprio sistema linguístico.

Jakobson empreende uma atualização dos eixos saussurianos, postulando que toda a organização discursiva dos signos da linguagem é estruturada por meio de dois polos: o

metafórico (da ordem do eixo paradigmático) e o metonímico (da ordem do eixo sintagmático). O linguista contribuiu de forma significativa para os estudos da afasia, considerando as mudanças de posição do afásico enquanto falante como resultantes dos processos metafóricos e metonímicos e o seu processo de reestruturação da linguagem e deixam clara a relação da língua com o sujeito.

Esses estudos estão na base epistemológica da ND com os cuidados devidos para a não aplicabilidade de modelos estruturalistas sem as devidas ressalvas já direcionadas por Coudry (1988) aos estudos sobre as afasias.

4 A DINÂMICA DO SISTEMA NERVOSO POR LURIA

Iniciamos esta sessão apresentando a necessidade de conhecermos como Luria concebe o desenvolvimento das funções cognitivas superiores e os traços constitutivos da atividade consciente do homem, pois essa reflexão é fundamental para entendermos que, para o autor, o cérebro é fortemente influenciado pelas condições externas ao sujeito: sua história, sua cultura e sua relação com o mundo exterior. É, também, importante ressaltarmos que Luria utiliza dos princípios, primeiramente, postulados por Vygotsky para elucidar sua teoria, e nelas nos apoiaremos.

4.1 UM BREVE PERCURSO SOBRE O CONCEITO DE SISTEMA FUNCIONAL COMPLEXO DE LURIA

Apresentamos nesta dissertação uma síntese do postulado de Luria, e ele nos servirá de base para compreender o funcionamento da linguagem, tanto oral como escrita, e os impactos dos eventos neurológicos nesse funcionamento.

Alexander R. Luria (1902–1977) com base nos postulados de Vygotsky introduz na Neurologia um ponto de vista compatível com a condição sócio-histórica da linguagem, da mente e de seu funcionamento. Para guiar o estudo sobre a relação cérebro linguagem, seja na patologia ou no funcionamento normal, o autor formula o princípio da organização cerebral (e seu funcionamento) complexa, dinâmica e integrada.

No estudo da afasia, Luria (1981) introduz o conceito de *sistema funcional complexo*, ideias fundamentais para a compreensão de que não há funções corticais determinadas a priori por uma localização cerebral. Ele apresenta várias descrições e funções atribuídas a determinadas regiões cerebrais para contrapor ao localizacionismo estrito (que co-relaciona diretamente lesão/função). Segundo o neurologista, o *Sistema Funcional Complexo* envolve várias unidades e áreas cerebrais *trabalhando em concerto*.

4.2 SISTEMA FUNCIONAL COMPLEXO

O trabalho sobre organização cerebral das funções mentais superiores de Luria, pode ser interpretado como uma tentativa de resolver o conflito entre a visão mecanicista da localização cerebral, trabalho realizado inicialmente por Broca, e a visão integral ou holística.

Diferentemente, da posição localizacionista de Broca, que acreditava que o “terço posterior do giro frontal inferior esquerdo é o centro das imagens motoras das palavras” (LURIA, 1981, p.20), os adeptos da visão holística sugeriram que a função mental deveria ser compreendida de maneira global e considerada como um produto do funcionamento do córtex cerebral inteiro.

Para Luria (1981), as funções mentais superiores devem ser vistas como sistemas funcionais, que requer a cooperação de muitas partes diferentes do cérebro, ou seja, funcionando em concerto. Nas palavras do autor, “os processos mentais humanos são sistemas funcionais complexos e não estão ‘localizados’ em estreitas e circunscritas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais operando em conjunto, cada uma das quais concorrendo com a sua própria contribuição particular para a organização desse sistema funcional” (LURIA, 1981, p.27).

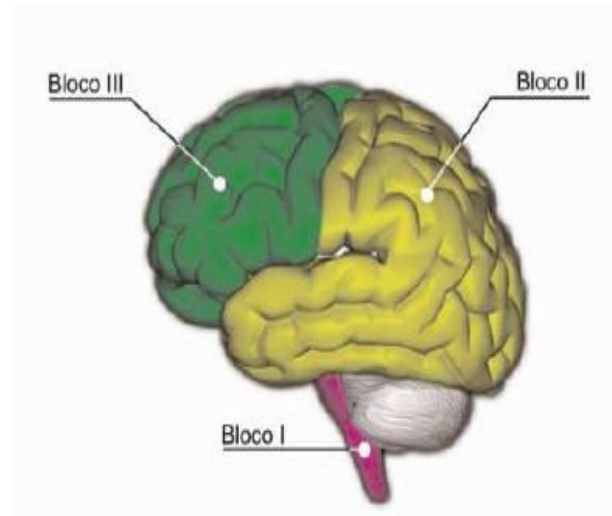
Com o posicionamento sócio histórico para explicar o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, o autor entende que a experiência social demarca o funcionamento neuropsicológico do cérebro, e que ele pressupõe um sistema dinâmico, plástico e fruto da evolução.

4.2.1 As Unidades Funcionais de Luria

Em linhas gerais, para Luria, o cérebro pode ser dividido em três unidades. A unidade I é a mais primitiva, e por isso é a responsável por regular a estimulação o estado de consciência. As unidades II e III são neocorticais e se localizam sobre as superfícies laterais. A unidade II, localizada na região posterior, capta, processa e registra informações do ambiente, nela estão representadas três modos de *input*: audição, visão e sensação tátil-cinestésica. A unidade III, localizada na região anterior e nos lóbulos frontais, é responsável pelo controle e avaliação da ação. É importante esclarecer que embora cada unidade tenha uma função singular e específica, a cognição depende de uma colaboração íntima entre todas as três unidades.

A figura abaixo ilustra a organização das unidades I, II e III, de acordo com o autor:

Figura 1 – Unidades funcionais de Luria



Fonte: LURIA (1970). Ilustração adaptada por GOMES (2007).

No sistema adotado por Luria, as três unidades que compõem a divisão funcional do sistema, são subdivididas em zonas corticais hierárquicas. Há bases sólidas para se distinguir três unidades funcionais básicas cuja participação se torna necessária para qualquer tipo de atividade mental. Uma unidade para regular o tônus e a vigília, uma unidade para obter, processar e armazenar as informações que chegam do mundo exterior e uma unidade para programar, regular e verificar a atividade mental.

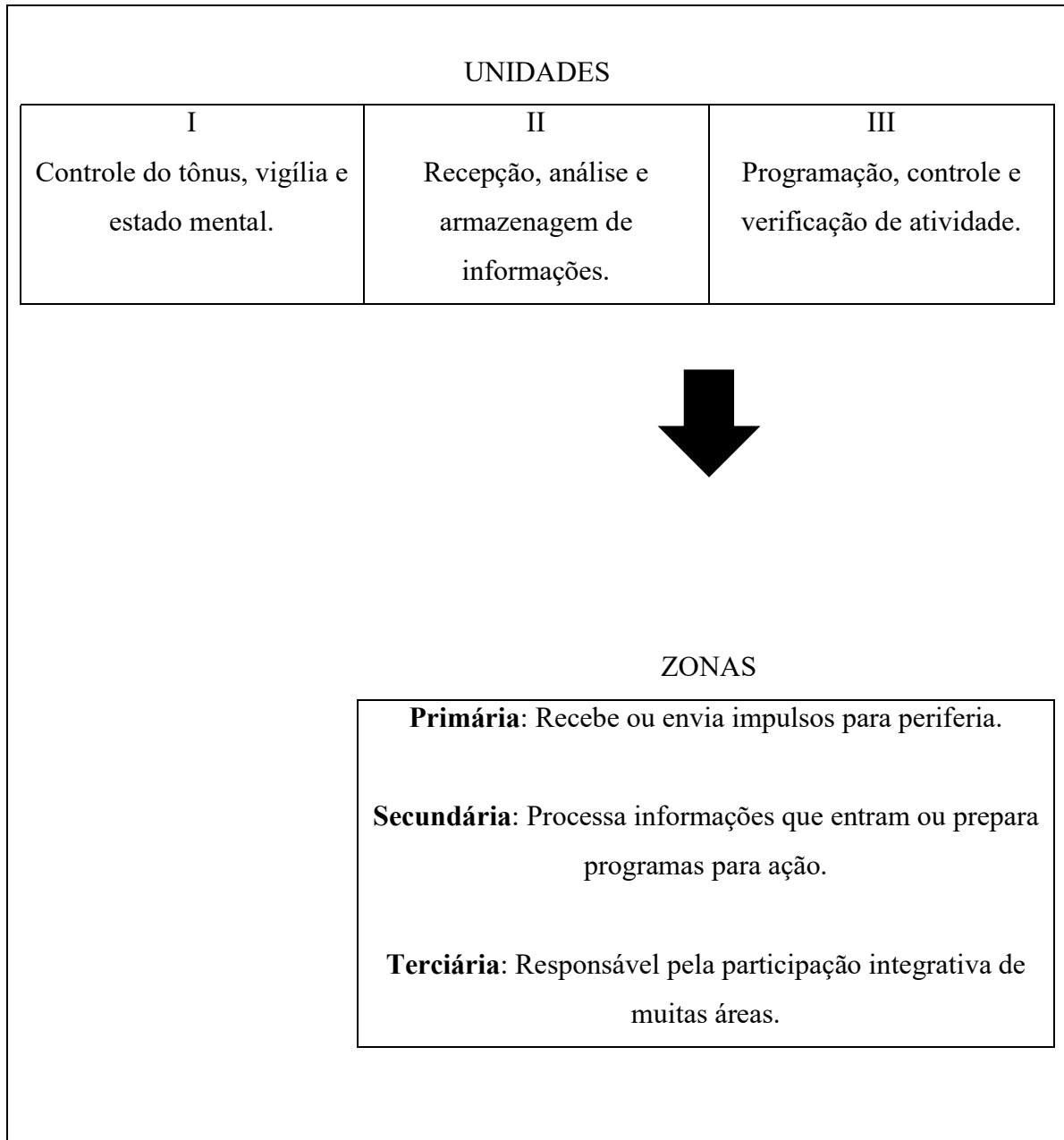
A unidade I regula a estimulação e o tônus cortical. As estruturas da Unidade I estão situadas no tronco cerebral e no subcortex. Ela é responsável por manter um nível ótimo de tônus cortical e manter o cérebro vigil. Os processos de excitação que ocorrem no córtex desperto obedecem a uma lei de intensidade, segundo a qual, todo estímulo forte evoca uma resposta forte, e tampouco o estímulo fraco acarreta uma resposta fraca. Essa unidade é de suma importância visto que qualquer processamento adequado de informações no cérebro é necessário que o indivíduo esteja vigil.

A unidade II possui três zonas: primárias, secundária e terciária. Esta Unidade é destinada a captar, processar e registrar informações ambientais e localizam-se nas regiões laterais do neocórtex sobre a superfície convexa dos hemisférios, regiões posteriores do córtex occipital (visual), temporal (auditiva) e parietal (sensorial geral). Essa estrutura é composta por neurônios isolados que se estabelecem nas partes determinadas do córtex. Não agem de acordo com o princípio de alterações graduais, e sim obedecendo à regra do "tudo ou nada", recebendo impulsos individualizados e transmitindo-os a outros grupos de neurônios. Os

neurônios dessa unidade possuem grande especificidade modal, ou seja, recebem informações por modalidades: visuais, auditivas e tátil-cinestésica.

A unidade III é responsável pelo controle e avaliação da ação, ou seja, ela programa, regula e verifica as atividades conscientes. O homem não recebe apenas estímulos do mundo exterior, ele cria intenções e programa suas ações, inspeciona sua realização e regula seu comportamento, verifica sua atividade comparando as ações com o plano original e corrigindo os erros cometidos. Essas atividades são oriundas na parte anterior do cérebro, antes do giro pré-central. Sua via de saída é o córtex motor. A unidade III, assim como a Unidade II, também possui três zonas: primárias, secundárias e terciárias. Entretanto, a grande diferença é que enquanto na unidade II, aferente, os processos vão das zonas primárias às terciárias, agora eles seguem um ritmo descendente, indo do nível mais alto (terciário) onde os planos motores são formados, à estrutura motora primária que envia os impulsos preparados para a periferia. A unidade II lida com a entrada, de modo que a informação flui necessariamente da periferia para o córtex terciário. A Unidade III lida com a saída e fluxos de informações do córtex terciário através dos córtices primário e secundário para os efetores.

A seguir, um quadro com a visão esquemática da divisão do cérebro em unidades e zonas.

Quadro 1 – Unidades e Zonas

Fonte: Elaborado pela autora

A zona primária recebe ou envia impulsos por vias de projeção sensorial, ou seja, está diretamente ligada a mediação da percepção de mudança física tanto no ambiente externo como no interno. A zona secundária envolve o córtex auditivo secundário, ele é responsável por sintetizar as informações recebidas da zona primária, ela sintetiza, por exemplo, os fonemas da língua. A zona terciária da unidade II forma o nível mais complexo, ela ocupa parte do lóbulo parietal, occipital e temporal, e, conseqüentemente, é responsável por interligar simultaneamente as informações qualitativamente diferentes, como entender estruturas gramaticais.

Da concepção de cérebro como sistema funcional, conclui-se que lesões em determinadas áreas do cérebro podem levar à desintegração de todo um sistema funcional. Para Luria, as afasias afetam distintamente os aspectos motores e sensoriais (expressivos e receptivos), voltados para as tarefas de articular e compreender a linguagem e que podem ser alteradas em suas diferentes modalidades (fala, audição, leitura e escrita), ainda que de maneira seletiva. Luria (1981), estipulou seis formas básicas de afasias, a saber: eferente, aferente, sensorial, dinâmica, semântica e amnésica.

- A) **Afasia Motora Eferente:** resulta de uma lesão no terço posterior da porção inferior (Unidade III, zona secundária). O problema principal está relacionado com a desintegração da organização em série de melodias cinéticas envolvidas por gestos articulatórios. O problema motor eferente pode ser complicado por dificuldades com a estrutura gramatical de expressão; associada à lesão nas partes inferiores da área pré-motora esquerda (corresponde à afasia de Broca com agramatismo).
- B) **Afasia Motora Aferente:** baseia-se em cinestesia de fala prejudicada causada por uma lesão na porção interior do giro pós-central esquerdo (Unidade II, zona secundária). Trata-se de dificuldade de combinação de um movimento com outro para produzir os gestos articulatórios. Este distúrbio foi rotulado como uma forma de *apraxia oral*.
- C) **Afasia Sensorial:** é causada por uma lesão nas zonas secundárias do córtex auditivo, em particular, a região superior posterior do lóbulo temporal, conhecida como área de Wernicke (Unidade II, zona secundária). O problema primário envolve alterações na percepção áudio-verbal, esse problema com a audição fonêmica resulta em um “estranhamento do sentido das palavras” (Luria, 1973).
- D) **Afasia Dinâmica:** resulta de lesões na parte anterior do lóbulo frontal esquerdo até a área pré-motora (Unidade III, zona terciária) e lesões fronto-temporais também podem estar envolvidas. O principal problema afeta a tomada de iniciativa verbal e conseqüentemente o discurso narrativo.
- E) **Afasia Semântica:** pode ser resultado de uma lesão de uma zona parietal terciária sobreposta. Essa zona envolve uma integração de elementos de função do lóbulo parietal, occipital e temporal (unidade II, zona terciária). O problema principal relaciona-se à síntese simultânea de significados (dificuldade, por exemplo, de compreender a relação indireta que resulta da

expressão *irmão do pai*: o que não significa nem pai nem irmão, mas tio, em entender piadas e na literalidade).

- F) **Afasia Amnésica:** relaciona a lesões na porção média do lóbulo temporal (Unidade II, zona secundária). O problema principal deriva de alterações na memória áudio-verbal. O indivíduo pode apresentar audição fonêmica relativamente intacta, contudo experimenta dificuldades quando recebe uma série de estímulos auditivos.

A teoria de Luria também adota a noção de desenvolvimento histórico e social das funções mentais superiores (atenção, percepção, memória, linguagem e pensamento) postulados por Vygotsky (1987) e postula que sua contraparte anátomo-fisiológica só pode se dar a partir da organização cerebral concebida em termos de um sistema funcional complexo. Luria reconhece o papel das ações sociais como importante na constituição da linguagem e de outros processos cognitivos, principalmente na fase de aquisição. O neurologista toma os pressupostos de Vygotsky emprestados para definir essa fase não apenas como um processo de origem biológica, mas sim um ato social. É na atividade exercida pela criança durante a sua relação com o adulto, que compreendemos o processo da regulação da atividade mental seletiva.

É sobre o papel da qualidade das interações humanas no desenvolvimento da linguagem, ideia defendida especialmente por Vygotsky, que discorreremos no próximo item.

5 ABORDAGEM SÓCIO-COGNITIVA DE VYGOTSKY: O PAPEL DO MEDIADOR NA LINGUAGEM

A abordagem de Vygotsky apresenta os aspectos sociais como papéis importantes para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Esse tipo de elucidação sobre a importância do meio social para a aquisição da linguagem oferece indícios de que sua reestruturação, pelo afásico, também deve partir do social para o individual.

Para Vygotsky, pode-se falar de uma representação de um sistema semiótico mediado e mediador de funções cognitivas, construído a partir da interação social. A linguagem teria dois papéis frente às funções cognitivas superiores: permite o desenvolvimento da capacidade de abstração e categorização, e também a auto regulação do comportamento.

Os trabalhos do autor, principal referência da tese sobre o papel do mediador na linguagem, possui grande importância, pois, eternizou a ideia de que as funções cognitivas são um produto da atividade cerebral. Para ele, essa teoria deve ser entendida à luz da teoria marxista da história da sociedade humana, ou seja, ele não descarta a condição biológica do ser humano, mas enfatiza as origens sociais da linguagem e do pensamento. Nesta tese não abordaremos muitos temas relacionados à construção teórica de Marx e Engels via materialismo histórico-dialético. O recorte necessário fica por conta do tema desse estudo. Contudo, acredito que aqui cabe o conceito de Homem. Para a perspectiva marxista, o indivíduo não nasce dotado de modos de pensamentos tipicamente humanos, mas se constrói em processos sociais de mediação.

Uma das questões que Vygotsky dedicou boa parte da sua vida foi à relação entre pensamento e linguagem. Coerente com suas bases teóricas, o materialismo histórico-dialético, o autor compreende um sujeito cuja humanidade depende fortemente das relações sociais nas quais se insere. Um sujeito humano concreto, cujo desenvolvimento psicológico não é resultado apenas das mudanças biológicas inerentes ao organismo humano, mas fundamentalmente dos modos de organização da vida em sociedade e das relações do campo simbólico e ideológico.

Para Vygotsky, um claro entendimento das relações entre pensamento e língua é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo.

Nos processos de mediação a língua deve ser vista como elemento constitutivo do humano, ou seja, a linguagem deve ser um fomento do desenvolvimento de funções psicológicas tipicamente humanas, portanto, utilizada como ferramenta de humanização.

Neste sentido, é imprescindível que compreendemos o sentido da práxis que se revela na fala, na palavra dita pelos sujeitos. A palavra é pra Vygotsky (1987) lugar-comum do pensamento e da linguagem, ou seja, lugar onde se encontram, compondo um amálgama que não permite distinguir o que é pensamento e o que é linguagem. Mais do que isso, não apenas a palavra, e sim o significado da palavra, possibilita e qualifica esse encontro entre pensamento e linguagem. Significado que, para o autor, advém sempre das relações socioculturais.

Para ele, o significado apresentam duas questões: a primeira diz respeito à acepção propriamente dita, capaz de fornecer os conceitos e as formas de organização básicas. Por exemplo, a palavra cachorro: ela denomina um tipo específico de animal do mundo real. Mesmo que as experiências e a compreensão das pessoas sobre determinado elemento sejam distintos, de imediato o conceito de cachorro será adequadamente entendido por qualquer pessoa de um grupo que fale o mesmo idioma.

A segunda questão é o sentido. Mais complexo, é o que a palavra representa para cada pessoa e é composto da vivência individual. Vygotsky pretendeu ir além da dimensão cognitiva e inscreve o indivíduo em seu universo social, relacionando afetividade ao processo de construção dos significados. Desse modo, concluiu que uma pessoa traumatizada com algum episódio em que foi atacada por um cachorro, por exemplo, dará à palavra uma acepção diferente e absolutamente particular - agressão, medo, dor, raiva ou violência, por exemplo. O sentido também está relacionado ao intercâmbio social. Quando vários membros de um mesmo grupo se relacionam, eles atribuem, com base nessas relações, interpretações diferentes às palavras.

Ainda segundo a concepção sócio histórica, a linguagem é produto da necessidade de intercâmbio entre os homens. Ela vai desempenhar, no desenvolvimento humano, a função de um fantástico instrumento de mediação homem-mundo, na medida em que permite a transmissão de saberes e o aprendizado de novas formas de relações.

Sob a ótica da psicologia histórico-cultural, o instrumento simboliza a atividade humana, o ato de transformação na natureza pelo homem que faz, ao fazê-lo modifica a si mesmo. O instrumento traduz utilidade e nela um significado dado pelas condições nas quais é utilizado. Por isso, é elemento de mediação.

Vygotsky (1978) trata da noção de internalização da linguagem e de formas culturais de comportamento para explicar o caráter constitutivo da linguagem em relação ao conhecimento, para formular a ideia sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Com seus estudos ele procura explicar que qualquer situação de aprendizado tem sempre uma história prévia relacionada desde o primeiro dia de vida da criança. Em suas palavras, a ZDP é:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (Vygotsky, op.cit., p.97)

Esta definição de ZDP nos ajuda a compreender a ideia de desenvolvimento conjunto, colaborativo que se salienta no trabalho de e com linguagem realizado pelos afásicos. Nas palavras de Vygotsky (op.cit.):

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados esses processos tornam-se parte das aquisições de desenvolvimento independente da criança. (p.101).

Sobre a aquisição da linguagem escrita, Vygotsky (1998) afirma, tratando a respeito do que ele chama de “pré-história da linguagem escrita”, que o estreito lugar ocupado pela escrita na prática escolar encontra uma explicação em fatores históricos pelos quais atribuíam-se ao ensino da escrita a dependência de um treinamento específico, artificial, diferentemente da oralidade, ou linguagem falada, que a criança poderia desenvolver por si mesma. Tal treinamento relegou a linguagem escrita a um segundo plano e esta foi imposta à criança, diferentemente do que ocorre com a práxis oral.

Para entender melhor o desenvolvimento da linguagem escrita, Vygotsky afirma que é preciso compreendê-lo como um processo histórico, como um processo unificado de desenvolvimento. Daí buscar sua pré-história: mostrar o que leva as crianças a escreverem, os pontos importantes pelos quais passam nesse desenvolvimento e qual sua relação com o aprendizado. (p.121). Essa história, afirma ele, começa com o aparecimento do gesto como um signo visual para a criança: “o gesto é o signo visual inicial que contém a futura escrita da criança [...]; os gestos são a escrita no ar, e os signos escritos são, frequentemente, simples gestos que foram fixados” (p.121).

Considerar a importância da relação entre linguagem e cognição, atribuída por Vygotsky, significa identificar, como afirma Morato (1996) uma “possível articulação do tipo epistemológico entre seu construto teórico e uma Linguística de orientação enunciativo-discursiva – cujos interesses se pautam pela análise linguístico-cognitiva dos processos de significação em jogo nas diversas atividades discursivas” (p.17).

Segundo Morato (1996), os trabalhos de Vygotsky são significativos aos estudos neurolinguísticos na medida em que eles tomam a linguagem como “a principal mediadora entre as referências do mundo social e as do biológico”. Em suas palavras:

Como mediação do real, a linguagem só pode ser apreendida como fenômeno cognitivo em termos relacionais (representacionais), já que para Vygotsky aquilo que é interno não é espelho daquilo que é externo. Ou seja, a relação do homem com a realidade, mediada pela linguagem, só pode ser pensada no domínio da interpretação (p.18).

Os conceitos desenvolvidos por Vygotsky, Luria e Jakobson são relevantes para a ND e, conseqüentemente, para o trabalho que desenvolvemos com RR. No próximo item, explanaremos sobre os processos de escrita e letramento. Abordaremos as perspectivas de Ana Paula Santana, Kleiman e Tfouni.

6 ESCRITA E AFASIA

Nesta dissertação, abordamos a perspectiva teórica sobre escrita de Ana Paula Santana (2002) aliada aos conhecimentos de escrita e Letramento de Kleiman e Tfouni para responder as questões relativas à escrita na afasia do sujeito RR.

O trabalho defendida por Ana Paula Santana (2002) está ancorado nas perspectivas teóricas da Neurolinguística Discursiva e nos ajuda a entender a relação entre a linguagem escrita e a oralidade dentro do contexto afasiológico, além de, promover uma reflexão sobre os “problemas” na linguagem escrita dos afásicos.

O grande desafio que enfrentamos nos estudos da linguagem escrita na afasia é desassociar as concepções teóricas que concebem a escrita como um simulacro da fala culta, reduzindo-a uma visão modularista de linguagem. Para a Neurolinguística Discursiva a linguagem escrita é, como a oral, uma atividade linguístico-discursiva e que não deve ser vista como fenômenos distintos. Nesse sentido, compreendemos e concebemos a linguagem escrita e a oral como solidárias.

6.1 A PERSPECTIVA DISCURSIVA

Como já elucidamos anteriormente, a contribuição da perspectiva sócio histórica para o estudo da linguagem escrita, leva a abordagem discursiva a uma concepção de linguagem enquanto prática discursiva, ou seja, social. Segundo Santana (2002), é a partir dessa visão que é possível explicar a retomada do papel de “sujeito da escrita” do afásico, renegando as análises que tomam o “erro” como incapacidade ou desvio da norma. Para a abordagem discursiva deve-se reconhecer que a escrita só é possível por um exercício de subjetividade, de dialogismo e de trabalho linguístico.

É importante pensarmos dentro da ND quais as implicações linguísticas no processo de acompanhamento dos sujeitos afásicos. O ponto de partida é entender que o afásico precisa estar envolvido com os vários gêneros textuais, e assim, torna-se (novamente) o leitor com textos, não com frases, palavras soltas ou sílabas. Ele precisa envolver-se com textos que remetem, diretamente, a experiência, as necessidades, e principalmente, que responda as suas necessidades. Portanto, “ajudar um afásico a torna-se novamente um leitor também significa dar-lhe condições para ler textos que ele não consegue ler, mas de cuja leitura tem necessidades (2002)”.

Para Santana (2002), os objetivos de uma perspectiva discursiva são expor o afásico aos diversos modos de produção de linguagem escrita, relacionando-a com seu valor social e seus processos de intersubjetividade e de circulação de sentido e conhecimento.

Quando o afásico encontra-se diante do texto e das dificuldades com a leitura e escrita, assume a condição de incapaz. Por isso, a postura adotada na prática discursiva se diferencia da prática clínica. O erro não serve como hipóteses do sujeito sobre a língua, mas sim como evidências acerca do funcionamento da linguagem e explicitam os caminhos aos acertos. Na prática clínica os processos terapêuticos baseiam-se na norma culta, nos aspectos mais gramaticais da língua e tomam como exemplo o leitor e escritor ideal.

Entendemos na perspectiva discursiva que não se escreve e não se lê sem objetivos, ou seja, não escrevemos e lemos o que não nos interessa. Com o afásico, é a mesma coisa. Não devemos negar a experiência dele com a escrita, como se nunca tivesse sido um leitor.

Neste estudo todo tipo de texto proposto para RR foi selecionado baseados nos interesses dela. Na triagem feita no primeiro encontro, tivemos o conhecimento do que ela gostava e cada tipo de texto foi adequado as suas necessidades.

De acordo com Santana (2002), “ao possibilitar ao afásico trabalhar com textos, na leitura e na escrita, possibilitamos também que ele lance mão de mecanismo alternativos para driblar suas dificuldades, ao mesmo tempo em que permitimos a ele assumir seu papel de sujeito leitor e escritor.”

Na próxima sessão, explanaremos sobre a escrita e o letramento. Consideramos importante discutir esses conceitos, pois eles influenciam a nossa visão sobre a perspectiva social e histórica da linguagem.

6.2 ESCRITA E LETRAMENTO

Neste estudo, buscamos elucidar sobre a escrita e letramento. Para isso, abraçamos as noções teóricas de Leda Tfouni (2002) e Ângela Kleimam (1998). Os estudos das duas linguistas nos possibilitaram uma reflexão crítica sobre estas questões tão atuais e que permeiam a humanidade. A importância da escrita nos revela o que ser sujeito no mundo.

Para Tfouni (2002), a relação entre escrita e letramento é medida através da relação do produto e do processo, ou seja, enquanto os sistemas de escrita são um produto cultural, o letramento é processo de aquisição de um sistema escrito.

Na visão abordada pela autora, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição da escrita, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades ao abordarem

um sistema de escritura e observa quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. A visão de letramento é importante para este estudo, pois, ele tem por objetivo verificar o social e não o individual, como alfabetizado padrão.

6.2.1 A Importância da Escrita

A escrita é, historicamente, datada de cerca de 5.000 anos antes de cristo. O processo de difusão e adoção dos sistemas escritos pelas sociedades antigas, no entanto, foi lento e submetido a fatores político econômicos. De fato, não podemos atribuir o surgimento da escrita a uma única sociedade. Em épocas bastante próximas, civilizações americanas, os egípcios, chineses e mesopotâmicos começaram a desenvolver seus sistemas de representação gráfica.

A escrita sempre esteve ligada as relações de poder e dominação, e em muitos casos ela funcionava com o objetivo de garantir o poder àqueles que a ela tinham acesso. No Egito antigo, a importância do escriba era tão grande que o pai estimulava o filho a levar a sério os estudos. Conforme atesta um antigo papiro “eis que dê ordens, exceto a de escriba, por que ele dá ordens”.

Além de garantir poder, a escrita também servia para guardar segredos religiosos. Na Índia, onde a escrita esteve intimamente ligada aos textos sagrados, que só eram acessíveis aos sacerdotes, e aos “iniciados”, isto é, aqueles que passavam por um longo processo de preparação.

Na China, o sistema ideográfico da escrita chinesa funcionou durante séculos como forma de garantir o poder aos burocratas e aos religiosos. Os letrados chineses eram chamados de mandarins, altos funcionários de extrema confiança do imperador e responsáveis pela máquina burocrática do Estado. A densa quantidade de ideogramas eram barreiras para impedir que as pessoas do povo aprendessem a ler e escrever.

Na Mesopotâmia, lugar onde foi encontrada a mais antiga forma de escrita que se tem notícia, a escrita era utilizada para marcar peças de argila utilizadas dentro dos templos para gravar as relações de troca e empréstimo de mercadorias que lá se realizavam. Os escribas tinha a função de registrar as transações comerciais, e desse modo, alcançando terras vizinhas e longínquas estendeu a sua cultura e comércio.

Portanto, a escrita está relacionada à dominação/poder, participação/exclusão como também para o desenvolvimento social, cognitivo e cultural dos povos. Ela pode ser tomada como uma das causas principais do aparecimento das civilizações modernas e do

desenvolvimento científico, tecnológico e psicossocial da sociedade. Por outro lado, não podemos esquecer os fatores de poder e dominação, no nosso contexto atual, e principalmente, no contexto das afasias ela possui o poder de incluir ou excluir o sujeito socialmente.

6.3 LETRAMENTO

Nesta dissertação refletimos, de maneira breve, sobre a importância do letramento e quais são os efeitos desse processo na nossa sociedade. Anteriormente, já identificamos como a escrita é valorizada na nossa sociedade e agora verificaremos quais os objetivos do letramento e quais questões básicas ele procura responder.

Dentro da afasia e, principalmente, na Neolinguística Discursiva é necessário compreendermos como o letramento focaliza os aspectos sócios históricos da aquisição, visão que defendemos nesta dissertação.

Bom, mas qual é a diferença entre alfabetização e letramento? O primeiro se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, enquanto o segundo observa os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.

Segundo Tfouni (2002), os estudos sobre o letramento, não se restringem somente aquelas pessoas que adquiriram a escrita, isto é, aos alfabetizados. Buscam investigar também as consequências da ausência da escrita a nível individual, mas sempre remetendo ao social mais amplo, isto é, procurando, entre outras coisas, ver quais características de estrutura social têm relação com os fatos postos.

No afásico, quando a escrita apresenta “dificuldades”, isso revela na sociedade fatores importantes que atuam ao mesmo tempo como causa e consequência de transformações psicológicas sociais, como depressão.

Para Kleiman (1998: 181), o letramento é concebido como um conjunto de “práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita”. Consideramos que letramento deve ser também compreendido como práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação bem como as consequências delas sobre a sociedade. Entendemos que este trabalho não pode estar afastado desse conceito.

Para Vygotsky (1984), as questões de escrita representa o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores. Representa também a causa da elaboração de formas mais sofisticadas do comportamento humano que são os chamados “processos mentais superiores”.

Podemos também acrescentar a essa discursão a breve noção de letramento e autoria. O critério de autoria adotado aqui tem a ver com a noção de *Sujeito de Discurso*, visto que o primeiro trabalha no intradiscurso, e este último está na dimensão do interdiscurso, e inter e intradiscurso não podem ser concebidos separadamente (Pêcheux, 1988).

Assim, enquanto o autor tece o fio do discurso procurando construir para o leitor/ouvinte à ilusão de um produto linear, coerente e coeso, que tem começo, meio e fim (ORLANDI & GUIMARÃES, 1988), o sujeito lida com a dupla ilusão: de não ser a origem do seu dizer e também de não pretender que o que diz (escreve) seja a tradução literal de seu pensamento.

Conforme o que foi apresentado sobre a relação entre escrita/cultura e escrita/letramento, podemos formular algumas perguntas no âmbito da Neurolinguística:

- 1) Em que contextos, condições e práticas são demandadas a linguagem escrita dos afásicos?
- 2) Como isso aparece nas práticas dos sujeitos que frequentam o Ecoa?
- 3) Como a escrita atuou na superação das dificuldades do sujeito RR?

Os estudos sobre o letramento nos indicaram caminhos para essa reflexão. À situação dos afásicos, que têm sempre sua condição social modificada juntamente com todas as outras mudanças provocadas pelas alterações decorrentes do quadro neurológico que afeta especialmente sua linguagem, entendemos que o posicionamento social, de poder, modifica-se; as relações sociais são outras. As relações de poder determinadas pela escrita nos levam a compreensão de que os diferentes letramentos vividos pelos diferentes sujeitos, em diferentes culturas escritas, parecem determinar suas condições de linguagem e os “poderes” que exercem socialmente.

Os dados de RR são significativos sobre o significado desse poder cultural que se estabelece a partir das relações sociais e do posicionamento social que cada sujeito ocupa nos processos de interação. Durante a produção do texto escrito de RR com a pesquisadora, tal papel é claramente definido pela sua história de vida (aspectos socioeconômicos e, principalmente, culturais – o letramento) que se explicitou na interação entre ambas.

Portanto, consideramos que os sujeitos afásicos acompanhados no ECOA apresentam processos de letramento diversos e constatamos que tais processos são bastante significativos na observância de seus desempenhos em relação à escrita.

No próximo capítulo, apresentaremos questões de natureza metodológicas que orientam o trabalho realizado no ECOA e na neurolinguística enunciativo-discursiva.

7 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

*Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas
um passarinho me diz que somos feitos de histórias.
Eduardo Galeano*

Esta dissertação se insere no campo dos estudos neurolinguísticos, e possui a escrita na afasia como principal objeto de reflexão, por isso, julgamos relevante apresentar e discutir, neste momento, alguns dos princípios teórico-metodológicos que guiam o trabalho realizado com os sujeitos afásicos que frequentam o Espaço de Convivência entre afásicos e não afásicos (ECO A). Consideramos que essa discussão propicia o amadurecimento científico necessário para contribuir de forma a consolidar os pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística.

Interessa-nos neste trabalho pensar sobre a Neurolinguística Discursiva e as bases que fundamentaram também os aspectos metodológicos desta dissertação, vejamos.

7.1 PRINCÍPIOS ÉTICOS DA PESQUISA

O estudo realizado nesta dissertação foi ancorado nos princípios de ética na pesquisa que envolve seres humanos. Deve ser submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos todo e qualquer projeto que seja relativo a seres humanos (direta ou indiretamente), conforme definido na resolução CNS 466/12, inclusive os projetos com dados secundários, pesquisas sociológicas, antropológicas e epidemiológicas. A plataforma Brasil visa assegurar aos participantes um referencial ético, no qual se insere o respeito à autonomia do ser humano, e, por conseguinte, um documento de Consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa (TCLE). Esta pesquisa possui um Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – **CAAE** – com a numeração 31936014.5.0000.0055 e que assegura o direito de realização.

De acordo com a lei 169, o TCLE informa e esclarece ao sujeito da pesquisa, de maneira que ele possa tomar sua decisão de forma justa e sem constrangimentos, sobre a sua participação em um projeto de pesquisa. É uma proteção legal e moral do pesquisador e do pesquisado, visto ambos estarem assumindo responsabilidades.

O documento foi assinado por RS, irmã de RR, e nele contem as informações mais importantes do processo de pesquisa. É preciso lembrar que, a linguagem foi acessível e garantiu ao sujeito uma compreensão do que está escrito. No termo fica claro que o projeto

poderia trazer possíveis riscos e desconfortos, como um estresse ou um cansaço físico ou emocional, bem como o total sigilo das informações, a preservação da identidade e a segurança de que o participante poderia abandonar a pesquisa, se assim o desejasse. Também ficou claro que não haveria, em hipótese alguma, um retorno financeiro.

O TCLE ⁴ é um documento único e foi apresentado e entregue ao participante da pesquisa em duas vias, que foram assinadas pelo responsável do participante e pelo pesquisador, ficando uma com cada parte.

7.2 O ECOA

O Espaço de Convivência entre Afásicos e não afásicos, criado em 2011, é fruto de uma parceria entre o Programa de Pós Graduação em Linguística e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Trata-se de um lugar de convivência entre pessoas afásicas e não afásicas (pesquisadores, familiares e amigos); interação mediada pela linguagem verbal e não verbal, bem como por sua relação com sintomas não verbais; mediada por teorias que integram cérebro/mente. No ECOA, funciona um grupo de afásicos sob a responsabilidade da professora Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio.

Esta dissertação abrange a área de fronteira da Linguística, a Neurolinguística, tanto do ponto de vista teórico quanto da prática que se exerce com a linguagem e dirige seu foco para a afasia e para o grupo ECOA. Esclarece-se que o critério de pertencimento dos participantes nesse grupo é, por um lado, o estado de afasia por parte dos sujeitos cérebro-lesados; e, por outro, a formação em Neurolinguística dedicada aos alunos de graduação (Letras, Psicologia e Pedagogia) e de pós-graduação (mestrado), o que abre diversas frentes de pesquisa.

7.3 CARACTERÍSTICAS DOS ACOMPANHAMENTOS

Os acompanhamentos no Ecoa ocorrem semanalmente, uma semana de forma individualizada e, a cada quinze dias, os encontros são em grupo e duram cerca de duas horas. No horário estabelecido para o início das sessões, os sujeitos afásicos se reúnem na sala de convívio, onde se acomodam à mesa. Cada encontro é registrado por gravação audiovisual e com o auxílio de gravadores.

⁴ No anexo 1, consta o modelo do TCLE utilizado.

A sala de convívio do Ecoa em que ocorrem as sessões apresenta uma estrutura física confortável e de fácil acesso. Possui mesas, cadeiras, um pequeno espaço com micro-ondas, frigobar e armários.

Os sujeitos não-afásicos, que fazem parte desse grupo, são alunos orientados pela Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio, em vários níveis de formação: graduação (Iniciação Científica) em Letras, Psicologia e Pedagogia; Mestrado (incluindo o Programa de Estágio Docente) em Linguística e Memória.

Os sujeitos afásicos, que fazem parte desse grupo, por sua vez, são indicados por neurologistas da cidade de Vitória da Conquista. O programa atente, atualmente, afásicos da cidade e de outras cidades do interior da Bahia.

Integram-se, pois, nas práticas (clínicas) com a linguagem do ECOA, pessoas afásicas e não afásicas. A convivência entre afásicos e não afásicos, mediada pela linguagem verbal e não verbal e seu uso em diversas situações discursivas caracteriza esse grupo como uma comunidade de fala. É uma condição de ser afásico (corpo/sujeito modificado pela patologia) apresentar dificuldades linguístico-discursivas desse corpo/sujeito marcado que se manifesta no corpo/sujeito, nos movimentos, na fala, na posição social. Em suma, trata-se do enfrentamento de uma condição mais incompleta que produz efeitos na relação de como estar no mundo histórico-cultural, possibilitada por uma prática clínica - desmedicalizada - com a linguagem.

7.4 PRÁTICA (CLÍNICA) COM A LINGUAGEM DO ECOA

A prática (clínica) com a linguagem do ECOA é apoiada pelos estudos em Neurolinguística de orientação discursiva. Para a ND, deve-se combater a medicalização que se pratica quando a língua(gem) é tomada como determinada, padrão para todos os falantes, o que condiciona o que é certo e o que é errado, além de estigmatizar as variedades que fogem à norma padrão. São preocupações fundantes dessa prática (clínica) com a linguagem: o não isolamento social dos afásicos, o enfrentamento da afasia e a construção de possibilidades de o afásico estar no mundo e o exercício com e sobre a linguagem, nas diferentes situações discursivas/comunicativas e eventos discursivos/comunicativos (Cf. SAMPAIO, 2006, p.70).

Para SAMPAIO (2006), no CCA (Centro de Convivência de Afásicos, IEL/Unicamp) são vivenciadas, verbal e não verbalmente, situações discursivas ou de comunicação articuladas teórico-metodologicamente, que ocorrem em:

Um ambiente de linguagem em que interlocutores (afásicos e de não afásicos) constroem e partilham de vários interesses, papéis e conhecimentos que os identificam como falantes de uma língua natural; um ambiente em que a linguagem acontece em suas mais diversas formas, simples e complexas, heterogêneas, carregadas de marcas particulares e de dizeres/escritos partilhados; onde se abrem as mais diversas possibilidades de construção de sentidos entre interlocutores afásicos e não afásicos mediados por recursos metodológicos e pelos acontecimentos de que se fala/escreve/lê/imagina na vida organizada em sociedade. (SAMPAIO, 2006)

Essas atividades fazem parte das atividades linguístico-cognitivas desenvolvidas, também, no ECOA, visto que este segue os moldes do CCA. Assim, dramatizar cenas da vida cotidiana, fazer festas de aniversários e datas típicas, pintar e desenhar, dançar, cantar, assistir a filmes, ler e comentar o noticiário escrito e falado, bem como as anotações dos participantes em sua agenda são atividades desenvolvidas no ECOA.

Nas sessões do ECOA, os sujeitos afásicos, junto com os não afásicos, vivenciam a linguagem nas situações comunicativas, verbais e não verbais, na busca da construção de sentidos. Através das narrativas, dos comentários e dos diálogos os sujeitos afásicos são motivados a exercer a linguagem. Em grupo há diversos interlocutores, diferentes posições enunciativas e configurações textuais.

Os eventos acontecem da seguinte maneira: em geral, começamos com os comentários sobre os acontecimentos das cidades e do Brasil, baseados nos noticiários falados ou impresso, comentamos as novidades pessoais (fato que mereçam ser compartilhados, escritos das agendas, progresso clínico, e depois passamos para as atividades (narrar, cantar, discutir, jogar). Por fim, há um evento denominado “hora do lanche”, que possibilita aos participantes a socialização das comidas, a descontração e a conversa. As sessões são coordenadas por dois pesquisadores, a quem cabe o papel de organizar as atividade e o lanche.

Com o uso da agenda como instrumento metodológico, toma-se parte de dados e fatos sobre a vida do afásico que, no grupo, tornam-se tópicos de eventos comunicativos em que predominam diálogos e narrativas. De acordo com Coudry (1997), são fatos que merecem ser contados, indicando a presença e a ação do sujeito na linguagem. A agenda é preenchida, por ele, por um membro da família ou por um investigador. Trabalha-se com a linguagem a partir das chamadas “práticas sociais da memória”: as histórias de vida/doença, os álbuns de família, etc.

Nessas sessões, os sujeitos afásicos (re)tomam e trabalham os usos da linguagem, praticam sua capacidade pragmática de reconhecer seus interlocutores e suas propostas discursivas e trabalham as possibilidades de inserção em diferentes situações e eventos

comunicativos, ou seja, são motivados a mobilizar diferentes movimentos de sentido: cognitivos, enunciativos, pragmáticos, discursivos, semióticos (gestuais, corporais, situacionais).

São comuns ainda nesses encontros, situações comunicativas como palestras (com convidado, por exemplo, psicólogo); professores de coral; músicos; festas comemorativas (aniversário, dia das mães, festa junina, encerramento do período letivo); natal e amigo secreto; almoços comunitários, cuja organização (cardápio, ingredientes) fica por conta de todo o grupo e é anotada nas agendas. Esses eventos proporcionam momentos em que os integrantes do grupo exercem vários papéis como sujeitos da linguagem, visam à reinserção ocupacional, à partilha de um espaço simbólico de experiências, à restituição de papéis sociais e ao fortalecimento de quadros interativos.

Pensando no critério teórico-metodológico-pesquisa da prática clínica, com a linguagem exercida no ECOA, os sujeitos afásicos tem um acompanhamento longitudinal em grupo, que possibilita que as alterações apresentadas, as tentativas de superação dessas alterações e a motivação para identificar dificuldades e eleger processos alternativos de significação possam ser viabilizadas. Além da sessão coletiva, todos os afásicos são acompanhados individualmente por um (a) pesquisador (a): aluno de graduação (iniciação científica) em Letras, Pedagogia e Psicologia; aluno de mestrado em Linguística e Memória, sob orientação do pesquisador líder do grupo de pesquisa.

Portanto, buscamos no ECOA, compreender a heterogeneidade da linguagem e uma prática clínica entenda as diferenças entre os sujeitos, seus modos de agir e de se posicionar no mundo.

7.5 O SUJEITO RR

RR, o sujeito dessa pesquisa, faleceu em agosto de 2015. Era do sexo feminino, nasceu em fevereiro de 1968, era brasileira, solteira, mãe de um filho, comerciaria. RR possuía o ensino médio completo e havia passado no vestibular para cursar segurança do trabalho. Segundo informações da família, RR gostava muito de almoçar e jantar com amigos, era uma pessoa muito sociável, praticava caminhada e frequentava bastante a igreja. Gostava de ler romances, livros sobre política e com tema relacionado ao espiritismo, e assistia Tv, filmes e

novelas. O sujeito dessa pesquisa frequentava as sessões de acompanhamento individuais e as sessões coletivas do Grupo ECOA⁵ desde novembro de 2013.

O sujeito utilizava os processos alternativos de significação para preencher as falhas da linguagem verbal, produzia poucas palavras como “sim” e “não” e apoiava-se na prosódia para estabelecer uma inter-relação de comunicação. Coudry (1996) propõe o conceito de processos alternativos de significação como uma “formulação teórico-metodológica que tem se mostrado produtiva quando a linguagem se apresenta, em várias de suas faces, modificada pela afasia”. Isso porque “Se a afasia afeta certas estruturas e usos da língua, por sua vez, o sujeito afásico busca outros modos/arranjos para significar/associar, ou seja, produz processos alternativos de significação”.

“RR” utilizava outros meios para se comunicar como, por exemplo, se apoiar na fala do outro, gestos, e, no último ano, estabeleceu uma relação com a escrita para se expressar linguisticamente, desta forma buscando os caminhos para (re)construir sua linguagem e para manter seu convívio com a sociedade. Enfatizamos que, nas sessões, buscamos realizar o que propõe a Neurolinguística Discursiva, ou seja, inserir o sujeito afásico no mundo novamente com a linguagem, pois o sujeito após acometimento da afasia encontra-se com a linguagem limitada e muitas vezes impossibilitado de se expressar linguisticamente, principalmente, por não ser compreendido ou estimulado a buscar outros meios para se fazer entender.

7.6 DADOS DO HISTÓRICO DE AVC DE RR

Em 2012, foi diagnosticado o primeiro Acidente Vascular Cerebral (AVC) hemorrágico, decorrente da hipertensão, e que teve como consequência a hemiparesia. Segundo o laudo médico, foi detectado um infarto em território da artéria cerebral media esquerda com atrofia do hemisfério esquerdo e com o comprometimento parcial da área de Wernick e Broca. No mesmo ano, RR passou por diversas convulsões, voltou para o coma e permaneceu por seis meses em internamento domiciliar. Como sequela, há relato (da sua irmã, RS) de perda de interesse pelas atividades a ele relacionadas. Segundo RS, foi observada sequela cognitiva e linguística, RR verbalizava apenas as palavras sim e não e utilizava gestos para manter a comunicação.

⁵ O grupo ECOA é coordenado pela Professora Doutora Nirvana F. Santos Sampaio, lotada no DELL/UESB, campus de Vitória da Conquista, CEP 45083-900, líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN/CNPq).

Em 2014, RR sofreu outro AVC e com quadro convulsivo que resultou no diagnóstico, descrito pelo médico, com comprometimento nos lobos frontal e parietal esquerdos, permaneceu internada por mais dois meses no Hospital de Base de Vitória da Conquista. Nessa época, a irmã de RR relatou também dificuldades relacionadas à compreensão e desvios na personalidade. Segundo RS, RR não conseguia mais se “expressar”, tinha dificuldades para compreender e já não se adequava mais as regras sociais, como, por exemplo, algumas posturas de comportamento.

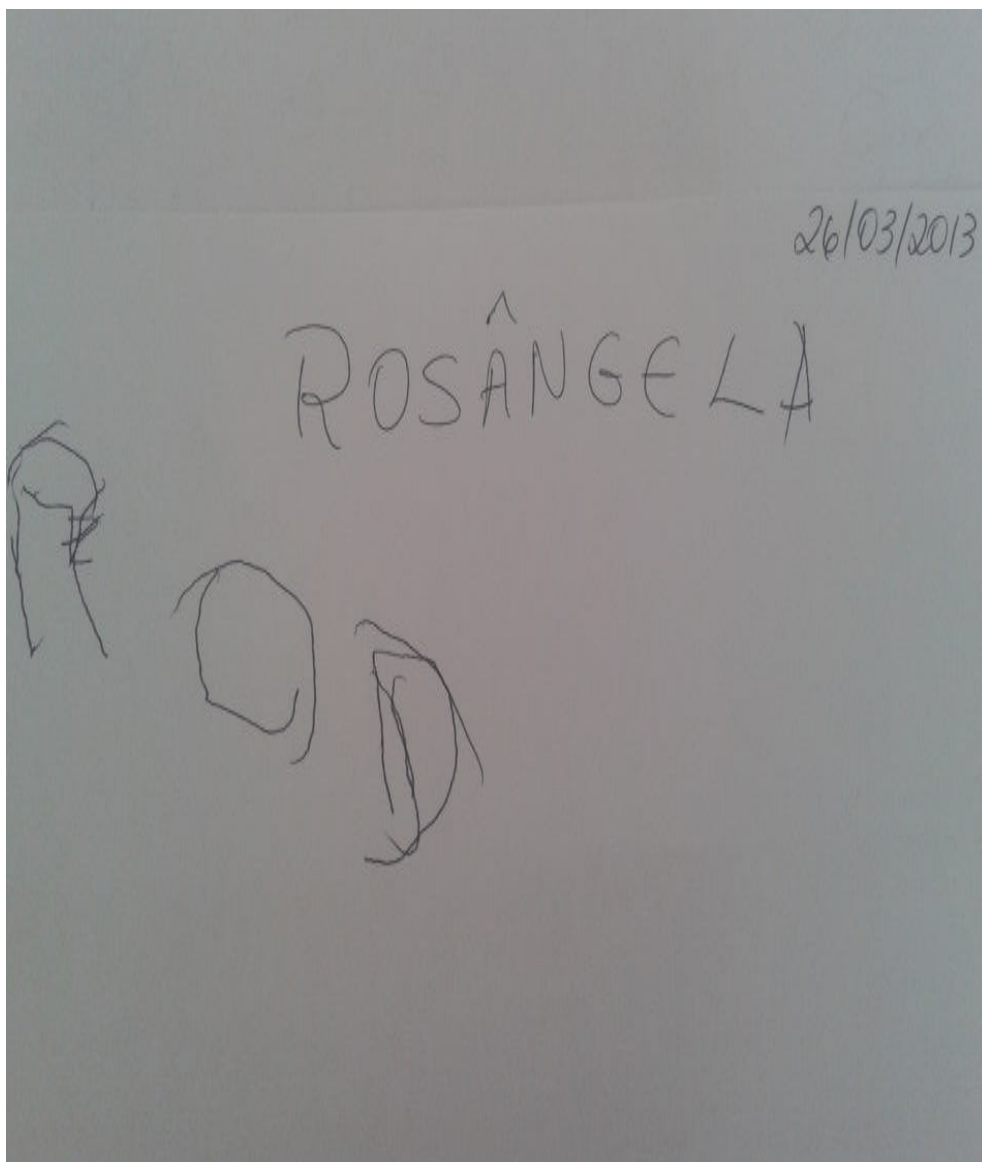
Em 2015, em decorrência do acompanhamento neurológico, uma tomografia foi realizada, revelando a dilatação do sistema ventricular e a necessidade de uma cirurgia para inserir um cateter. Devido a complicações no pós-operatório, RR faleceu em agosto deste ano. É importante elucidar que, apesar de todos esses sinais, RR continuou se constituindo como sujeito, pois, permanecia imerso em situações dialógicas nas quais a significação é construída numa ação e interação social entre parceiros.

Com relação ao quadro neuropsicológico de RR, ela chegou ao ECOA, em 2013, apresentando muita resistência e desinteresse para as atividades propostas. Retomando a explanação acerca do funcionamento das unidades de Luria que realizamos no primeiro capítulo, observamos que algumas dificuldades de RR, especialmente com relação à *atenção* para compreender e acompanhar conversas (cotidianas ou não) é explicada pela extensão da lesão e por ser um AVCi. Outro aspecto também importante, diz respeito às notáveis mudanças de comportamento de RR após o comprometimento das regiões pré-frontal. Para Luria, a unidade III é responsável pela programação, regulação e verificação das atividades realizadas.

Nos últimos acompanhamentos, foi possível observar os avanços no quadro do sujeito RR, principalmente na escrita. No início ela não conseguia compreender as conversas, tinha muita resistência em produzir as atividades proposta e não conseguia escrever o próprio nome.

O dado a seguir é fruto de uma sessão de acompanhamento, nele é possível percebermos a dificuldade de RR em retomar a sua produção escrita:

Figura 2 – Escrevendo o próprio nome



Fonte: Arquivo da autora

No dado é possível perceber a presença de *input* e a tentativa do investigador de auxiliar a produção de RR. Por isso, consideramos importante, nesta dissertação, analisarmos a (re)construção da escrita de um sujeito afásico a partir da mediação do pesquisador e a sua intervenção.

No capítulo 3, verificaremos o grau de letramento de RR, com bases nos pressupostos de Angela Kleiman, observaremos o acesso à escrita do sujeito RR após o AVC e analisaremos o processo de (re)construção da sua escrita.

Para concluirmos nossa reflexão, é necessário entendemos o que é afasia e mergulhar nas nuances que se revelam em torno desse conceito. A afasia como alteração do

funcionamento da linguagem é considerada a partir de um evento neurológico e distingue-se das trocas ou dificuldades com a linguagem apresentadas por pessoas em perfeitas condições de saúde.

Em relação ao sujeito na afasia, Coudry (2002) afirma que *há linguagem na afasia quando há sujeito* e que afásico e não afásico partilham de um sentimento/atitude comum de incompletude frente à linguagem e à língua. Para a autora, várias situações do cotidiano, como sentir mais incompleto do que habitualmente, hesitando, retomando e interrompendo, podem acontecer com pessoas não afásicas e afásicas, a diferença está na frequência e na dificuldade maior para o sujeito afásico sair desse mau momento. A ND considera que é preciso criar uma comunidade de falantes, pois um sujeito que se manifesta por meio da linguagem, tem um papel ativo e reconstitui-se na interação, “[...] é a partir da prática discursiva e de seus constituintes que aquilo que o sujeito identificou na língua passou ou passa a ‘fazer’ sentido para ele.” (MORATO, 2001, p. 167).

7.7 O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DO DADO-ACHADO

A área da Neurolinguística Discursiva (ND) se orienta por uma perspectiva que, como próprio nome anuncia, parte de uma perspectiva discursiva que norteia tanto a avaliação e o acompanhamento longitudinal, ambos fundamentados em diversos domínios da linguística, bem como em estudos no campo da Neurologia, Neuropsicologia, fonoaudiologia, entre outros.

Conforme Coudry e Freire (1996), a perspectiva discursiva requer que tomemos como ponto de partida teórico a interlocução e tudo aquilo que a ela diz respeito: “as relações que nela se estabelecem entre sujeitos falantes de uma língua, dependentes das histórias particulares de cada um; as condições em que se dão a produção e interpretação do que se diz; as circunstâncias histórico-culturais que condicionam o conhecimento partilhado e o jogo de imagens que se estabelece entre os interlocutores”.

A ND incorpora, dentre outros, princípios e pressupostos acerca do funcionamento cerebral conforme proposto por Luria (1970, 1984; 1991) e Vygotsky (1987, 2000), articulando-os com uma concepção de linguagem abrangente (FRANCHI, 1976, 1992). A ND, também, partindo de uma perspectiva discursiva e, conseqüentemente, considerando uma concepção de linguagem abrangente, a interlocução e os modos de produção, desenvolve uma forma própria de tratar os dados, o dado-achado (COUDRY, 1986; 1988; 1996); uma metodologia contrária aos testes avaliativos e experimentais.

Tendo em vista o estatuto do dado nos deparamos, conforme Coudry (1996), com dois modos de construção dos dados: dado-evidência e dado-achado. No dado-evidência, o que se observa é o objetivo do pesquisador em medir o comportamento linguístico e quantificá-lo. Sobre o dado-achado, Coudry (1996, p. 183) diz que “é produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico dos processos linguísticos-cognitivos”. O dado-achado tem algo em comum com o dado singular, ou paradigma indiciário de Ginzburg (1986).

Vejamos o que dizem Coudry e Freire (1996) a esse respeito:

Tal como ocorre com a análise do dado-achado, a interpretação do dado singular ajuda a entender o fato linguístico-cognitivo que se apresenta de maneira indeterminada, a fim de que seja revelado o que não se vê à primeira vista. Nos dois casos é crucial estabelecer critérios - os denominados procedimentos heurísticos na ND - que orientam a identificação e a seleção dos dados, tomados, então, como representativos do que se considera “singularidade reveladora” (tal como se denomina no paradigma indiciário) ou dado-achado, e que provoca o movimento da teoria em busca de explicação. Pelo que se expôs, compartilhamos do paradigma indiciário, como em Ginzburg, o conceito de “rigor metodológico”, interpretado de forma flexível, uma vez que entram em jogo outros fatores, como a intuição do investigador na observação do particular, sua capacidade de formular hipóteses explicativas pertinentes e instigadoras para aspectos opacos da realidade que não são diretamente apreendidos, mas que podem ser descobertos através dos achados ou dos indícios (COUDRY; FREIRE, p.26).

Em vista disso, a ND privilegia atividades epilinguísticas, em uma perspectiva discursiva, no processo de avaliação, acompanhamento e intervenção, recorrendo às mais diversas situações e configurações de uso linguístico-cognitivo, tais como: diálogo, narrativas, comentários, conversação livre ou dirigida, atividades de escrita. E álbuns de fotografias, registros em agenda, revistas, desenhos, cartas, bilhetes, receitas, mapas, entre outros, são pretextos para que ocorram diálogos, narrativas, etc... Com esses procedimentos, a ND opera com todos os traços humanos que acompanham e dão sentido à atividade verbal: gestos, expressões faciais e corporais, escrita e leitura; buscando compreender como o sujeito significa para assim atuar, junto com ele, sobre os múltiplos aspectos envolvidos em processos de significação; sempre observando e descrevendo tais aspectos (COUDRY, 2007). Nesse sentido, na ND o dado tem o estatuto de dado-achado.

Além da relação processo/produto, para Vygotsky, a relação pesquisador/pesquisado é fundamental para a construção de qualquer conhecimento, já que o acontecimento da pesquisa só é possível por meio da inter-relação entre sujeitos e não entre sujeito/objeto.

Nesse sentido, segundo Freitas (2010), o *fazer pesquisa* insere-se na perspectiva que compreende aprendizagem como um processo social. A construção e a organização do conhecimento só tem sentido se compartilhada com o outro: “o fazer pesquisa implica em movimento que, integrando o *descrever* e o *explicar*, se dirigem para a *transformação*, a *mudança* e a *ressignificação* em seus participantes e no próprio contexto no qual se inserem” (FREITAS, 2010, p. 10). A perspectiva vigotskiana compreende, portanto, a relação pesquisador/pesquisado de maneira distinta das ciências naturais e exatas em que o pesquisador contempla o objeto e fala sobre ele, mas não com ele.

Abordaremos também nesta dissertação a perspectiva de saturação de Minayo, pois acreditamos que ela esclarecerá nossa maneira de fazer pesquisa.

7.8 METODOLOGIA QUALITATIVA

A partir do final do século XIX, estudiosos de fenômenos sociais e históricos começaram a se indagar se os modelos positivistas de pesquisa, desenvolvidos ao longo do Século das Luzes, eram suficientes para o estudo de questões não ligadas às ciências físicas e naturais. Wilhelm Dilthey e Max Weber foram alguns dos pioneiros a afirmar que a complexidade dos fenômenos ligados ao humano não podia ser objetivamente medida – pelo contrário, deveria ter seus sentidos contextualmente compreendidos e interpretados.

O objeto de estudo das ciências humanas não é inerte - ele tem voz; bem como o pesquisador, que também é sujeito cultural, com valores e posicionamentos. Assim, a relação entre pesquisador e pesquisado não é mais de sujeito e objeto, porém, uma “relação entre sujeitos” (FREITAS, 2002:24). Nessa interação, em que certamente há compartilhamentos de aprendizados, ambos os sujeitos podem estar em transformação.

Dessa maneira, a neutralidade do investigador é impossível, já que cabe a ele descrever, explicar e interpretar os fenômenos que estuda, numa constante “troca” (dialogia) com o sujeito de sua pesquisa. Não afirmamos, com isso, que qualquer interpretação seja válida – a subjetividade do pesquisador deve ser disciplinada (NOVAES-PINTO, 2012), de modo que ele tenha um olhar atento para os eventos que constituem importante fonte de sentidos para o estudo.

É imperativo ressaltar que um estudo qualitativo aborda a relação entre sujeito e objeto de modo diverso dos estudos de fenômenos físicos e naturais. Na abordagem qualitativa, tanto o pesquisador quanto o pesquisado têm voz, crenças, posicionamentos; são seres dinâmicos e em constante mudança, provocada pela interação que têm entre si, com outros sujeitos e com

o mundo à sua volta. Assim, trata-se de uma relação entre sujeitos, como propõe Freitas (2002), e a situação de pesquisa, por si mesma, pode ser uma experiência transformadora para ambos.

No âmbito da Linguística, a importância de uma pesquisa qualitativa bem respaldada teórico-metodologicamente é fundamental, já que é o contexto interacional que vai dar espaço para a análise e a realização das manifestações comunicativas, das habilidades e estratégias linguísticas que são requeridas para a efetivação do querer-dizer (nas palavras de Bakhtin, 2010) dos sujeitos envolvidos.

7.9 ABORDAGEM QUALITATIVA DE MINAYO

O livro de Cecília Minayo, “O desafio do conhecimento”, se destaca no campo da pesquisa qualitativa e teve desde as suas origens, na tese de doutorado, defendida em 1989, na Escola Nacional de Saúde Pública, um trajeto marcado pelo sucesso. Este sucesso, que se manifesta pela sua presença obrigatória nos cursos na área da saúde pública/saúde coletiva/ciências sociais, deve-se a muitos fatores. A lógica da construção do Desafio é a da pesquisadora que, profundamente envolvida com a sua formação no campo das humanidades, escreve um texto que se volta para o interior do campo legado pelos clássicos, sem perder a perspectiva da dinâmica científica que somente as pesquisas empíricas podem fornecer.

Para Minayo (1986):

Mesmo sendo uma obra voltada para o desenvolvimento de metodologias e práticas teóricas, julguei que ao leitor interessaria discutir os desafios do campo da ciência e da tecnologia que se tornaram os mais importantes fatores produtivos e de geração de riqueza no mundo atual. A esse contexto denomino lado externo da ciência. O lado interno, que corresponde a um jargão específico e a torna passível de ser reconhecida e apropriada em todo mundo, é o objeto deste livro (1986, p.12)

Segundo a autora, a metodologia qualitativa é abordada procurando enfocar, principalmente, o social como um mundo de significados passível de investigação e a linguagem comum ou a “fala” como matéria prima dessa abordagem, a ser constatada com as práticas de sujeitos sociais. À pesquisa qualitativa, pode ser avaliada quando a autora escreve:

O investimento que faço neste livro diz respeito à pesquisa qualitativa que visa a compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores quanto a (a) valores culturais e representações sobre sua história e temas específicos; (b)

relações entre indivíduos, instituições e movimentos sociais; (c) processos históricos, sociais e de implementação de políticas públicas e sociais (p. 23).

Nas questões conceituais da teoria, destacam-se o caráter histórico, processual, ideológico das ciências sociais e que elas trabalham no nível da identidade entre o sujeito e o objetivo. É importante destacar, que, para a autora, não há separação entre teoria e metodologia, sem esquecer que em toda a pesquisa a “criatividade do pesquisador” é indispensável; o conceito de pesquisa como um caminho para se entender a totalidade, livrando-a, inclusive, das amarras disciplinares.

Um ponto sobre o qual a autora reflete de forma crítica é as dimensões quantitativas e qualitativas na pesquisa, destacando as peculiaridades da pesquisa qualitativa, incluindo as possibilidades da combinação de método, discutindo como essas questões apresentam-se no campo da saúde. Em nossa pesquisa, o levantamento de dados e a análise é de cunho qualitativo. Assim, quando os dados começaram a ficar repetitivos, como por exemplo a escrita do nome próprio, recortamos, visto que foram feitas diversas atividades de cópia do nome próprio por RR.

7.9.1 As práticas de linguagem com o sujeito RR

Finalizamos este capítulo, expondo, ainda que brevemente, o trabalho realizado com RR, tanto no grupo, quanto individualmente ao longo de quase dois anos. Durante as sessões individuais, trabalhamos com os assuntos que mais lhe interessavam, uma vez que uma de suas maiores dificuldades, no início do acompanhamento principalmente, era manter a atenção necessária e o empenho para a realização de tarefas mais complexas. Dentre os assuntos discutidos, destacamos: (i) leitura dos resumos das novelas; (ii) leitura de notícias atuais; (iii) leitura das letras de músicas de que sempre gostou (por exemplo, Roberto Carlos e Aline Barros); (iv) escrita de cartas para familiares e amigos; (v) leitura de notícias em sites; (vi) atividade com o alfabeto; (vii) escrita de um diário; (viii) atividades com fotografias de família e (ix) agenda telefônica.

Vale ressaltar que todas as atividades desenvolvidas com RR tinham como base a modalidade escrita da língua e eram realizadas conjuntamente, tanto a leitura quanto a escrita propriamente dita. Em outras palavras, nosso trabalho era realizado dialogicamente. Na maioria das vezes, eu lia algum texto para ela e então conversávamos sobre lembranças e interesses que dessa leitura surgiam.

Os trabalhos realizados em grupo no ECOA prezavam por atividades de interesses gerais, como por exemplo, atividades com pintura, atividades com as datas comemorativas (por exemplo, natal, independência do Brasil e aniversários), bingos, vídeos, jogo dos sete erros, palestras (por exemplo, psicólogos), coral, filmes, artesanato e toda sessão era finalizada com um lanche, pois era o momento de interação dos afásicos, dos pesquisadores e da família. Lembramos, aqui, que acreditamos que a (re)organização da linguagem se dá nas práticas dialógicas.

As seções foram, em sua maioria, realizadas como o gravador e, também, vídeo gravadas. Os dados que surgiram dessas interações semanais foram selecionados com base em sua importância para compreender o curso do desenvolvimento do quadro de RR e de sua relação com a linguagem. Consideramos, nesse sentido, um *dado-achado*, como explicitado anteriormente, por revelarem aspectos do trabalho de RR para driblar suas dificuldades e o caminho para os acertos. Consideramos os dados, que fazem parte de nosso *corpus, singulares*, pois, nos permitem analisar as práticas sociais com a linguagem de um mesmo sujeito em momentos distintos de sua vida – antes e após a afasia.

Um dos nossos objetivos, neste capítulo, foi o de apresentar algumas questões que vêm sendo discutidas no Laboratório e Análises de Pesquisa em Neurolinguística (LAPEN) e que se justificam por fortalecerem as bases teórico-metodológicas compatíveis com a ND, e por possibilitarem novos caminhos para os estudos de casos como o de RR.

Nesse sentido, consideramos que um dos aspectos mais importantes desta reflexão é a necessidade de se modificar o *olhar* tanto sobre o processo, quanto para a relação do pesquisador com o sujeito da pesquisa. Em muitos momentos, ao longo do trabalho realizado nesses últimos anos, questionamo-nos sobre a pertinência do acompanhamento individual e no grupo e foram, justamente, os dados *singulares* que nos apontaram os caminhos. Ou seja, as evidências da *presença* de RR na língua(gem), apesar da gravidade de seu caso, nos ajudaram a compreender a relevância do efeito do trabalho realizado.

8 O RESULTADO DAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM PRODUZIDAS POR RR

“Quanto mais a gente agradece, mais coisas boas acontecem”. Por RR

Este capítulo possui, basicamente, duas intenções: o primeiro é dar maior visibilidade aos resultados das práticas com o sujeito RR, e a qual o papel do mediador na promoção da autonomia da escrita de um sujeito afásico, o que será apresentado nas análises dos dados. A segunda é apresentar como o caso de RR contribui para pensarmos nessa relação.

8.1 RR E A MODALIDADE ESCRITA

Apresentamos, até o momento, aspectos essenciais para a constituição da reflexão que agora passamos a fazer, com a análise dos dados que compõem o *corpus* desta pesquisa. Antes de iniciarmos a análise e discussão dos dados, vale a pena reafirmar a instabilidade do quadro de RR – importante, e em certo sentido determinante, para o trabalho realizado –, visto, por exemplo, que em algumas sessões o sujeito se recusava a conversar ou a realizar as atividades previstas, respondendo às perguntas apenas com “uhum”. Considerando essa característica do quadro de RR, portanto, sempre tínhamos em mente uma atividade que pudesse ser adaptada, conforme seu nível de atenção e, principalmente, de seu interesse.

Realizamos com RR 22 encontros individuais e 21 encontros em grupo. Os acompanhamentos foram, em sua maioria, realizados no ECOA, na Universidade Estadual da Bahia. Apenas quatro encontros foram realizados em outros espaços, como a própria residência de RR e na residência da sua irmã. Isso foi necessário, durante o tempo de acompanhamento, pois RR foi internada várias vezes e precisava permanecer em repouso, o que inviabilizava a sua ida até a UESB. Além do ECOA, RR frequentava semanalmente o fisioterapeuta no Centro Municipal de Atenção Especializada –CEMAE.

Com o objetivo de identificar a condição de escrevente de RR, já que não conhecíamos a escrita dela anterior à afasia, apenas tínhamos algumas informações pelas entrevistas e dados de prontuários a partir das quais traçamos um perfil de seu letramento, solicitamos-lhe algumas produções escritas com configurações diversas (listas, cartão e bilhete) e também atividades escritas cristalizadas pelas práticas escolares (cópia, ditado, complementação de sentenças e palavras). Como resultado destas “escritas diagnósticas”, observamos que RR se saía muito bem na cópia. Isso revela que ela não apresenta dificuldade com o processamento visual, nem mesmo com a coordenação visuo-motora. A maior dificuldade apresentou-se na atividade de

complementação de sentença, já que não sabiam como continuar e finalizar a ideia que havia sido apresentada.

RR escrevia cada segmento (sílabas, letras e palavras), e necessitava da interlocução com as pesquisadoras para conseguir escrever. Frequentemente, ela não obtinha a palavra (ou mesmo a uma letra) desejada e era preciso oferecer o prompting; outras vezes, ela produzia um pequeno texto que, no entanto, apresentava uma forma que não era facilmente reconhecida por mim como leitora e havia necessidade de retomada de todo o texto. Por isso, a transcrição de seus dados é acompanhada de várias descrições de contexto, bem como da amostra de escrita a que a fala se refere.

Como caracterização do processo de letramento, podemos afirmar que RR estudou até o segundo grau. Antes de ter o AVC, trabalhava como serviços gerais e diarista (trabalhava por dia em algumas residências da cidade). Segundo relato da sua irmã, RR lia romances e livros com temas relacionados ao espiritismo e escrevia bilhetes e lembretes, além de fazer listas de palavras (listas de compras, por exemplo). Gostava muito de ver novelas na televisão. Frequentava o ECOA desde 2013.

Os dados de RR nos revela uma dificuldade bem maior nas produções de textos, do que nas atividades de nome e lista. Acreditamos que isso tenha relação com o processo de letramento vivido por RR e com a extensão da lesão decorrente do AVC. Em sua experiência de letramento, ela sempre escreveu listas de compras para sua casa, lembretes nas casas em que trabalhava, além de recados para o seu filho.

O desejo de voltar a escrever como antes fez com que ela desempenhasse com afinho as atividades propostas. Ela queria praticar para melhorar e, embora precisasse muito da minha ajuda, através de promptings orais e escritos, sempre se colocou disposta à escrita. Esse entusiasmo pode ser observado pelo número de encontros realizados: ela sempre trazia o diário e a agenda, mostrava o que tinha escrito e praticado, queria fazer tudo bem feito e escrever o máximo possível. Entretanto, isso ocorria em um ritmo mais lento, já que tínhamos que voltar várias vezes ao mesmo segmento a ser reformulado.

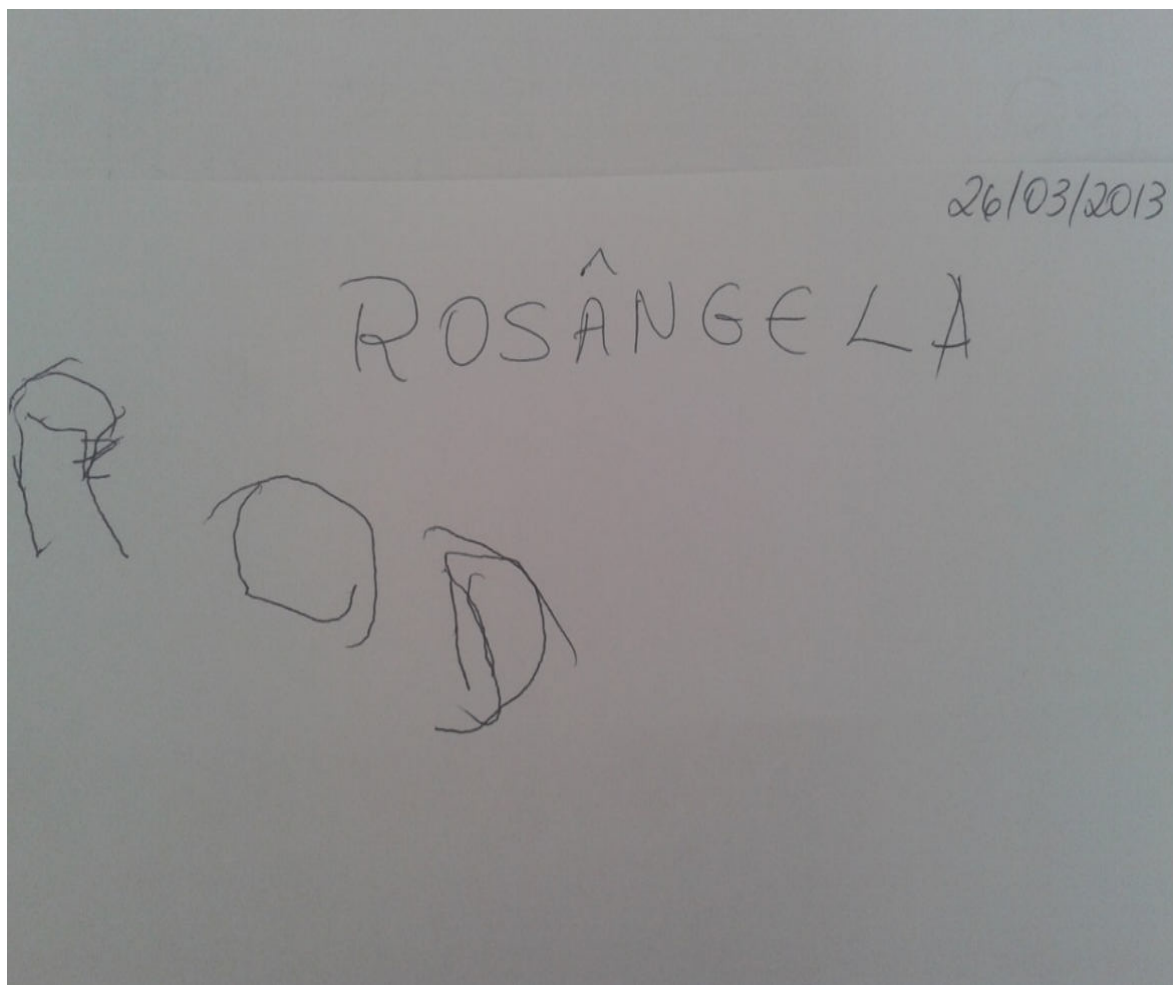
A partir deste momento, passamos a apresentar episódios com os seguintes objetivos: (i) mostrar como ocorre à interação entre RR e seus interlocutores; (ii) observar o acesso à escrita de RR após o AVC; (iii) analisar o processo de (re)construção da escrita e evidenciar suas estratégias para driblar suas dificuldades; (iv) mostrar, sobretudo, o efeito das práticas sociais com a linguagem para a estabilização do quadro.

Apesar de todas as alterações, percebemos que RR se constituía como sujeito na linguagem, pois mantinha uma vontade própria de recomeçar e um forte interesse pra voltar a

escrever o seu próprio nome, e assim, se encontrar, de fato, no mundo e nas práticas sociais. Passemos, então, para análise do primeiro dado:

Dado 1 (26/03/2013): Nessa sessão, **RR** conversa com a autora desta dissertação, **Itp**, e com a investigadora **Ins**. Nessa atividade que realizamos na sessão individual, RR estava prestes a fazer uma perícia no INSS e pretendia assinar o nome.

Figura 3 – Dado 1



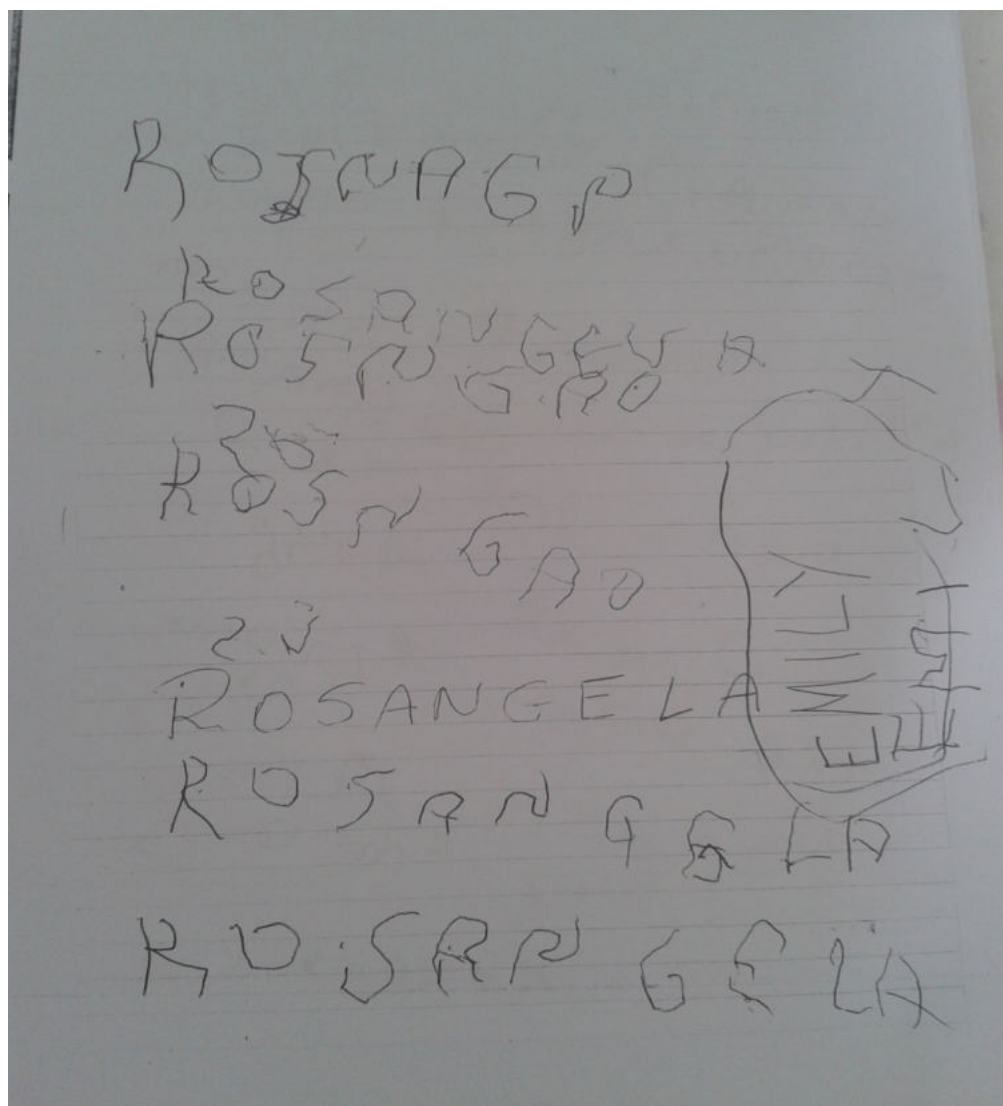
Fonte: Arquivo da autora

Observamos que RR desde o começo coloca a pesquisadora no papel de uma interlocutora-colaboradora de seu texto ao solicitar ajuda para escrever o próprio nome. E isso aconteceu de maneira constante em todo processo. Parece-nos que ela atribui à pesquisadora uma posição de saber, de poder, nesta atividade conjunta, além, é claro, de uma relação de confiança e compartilhamento que se estabeleceu entre RR e as investigadoras/mediadoras Itp e Ins.

Outro ponto importante para discutirmos é a identidade e o esforço de RR em escrever o nome. Entendemos aqui a identidade como um construto, construída discursivamente. A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo

não tem uma identidade fixa e fora da língua. RR procura em vários encontros apropriar-se da linguagem escrita e recusa utilizar a digital como sua assinatura. O segundo dado apresenta as tentativas da construção do nome:

Figura 4- Dado 2



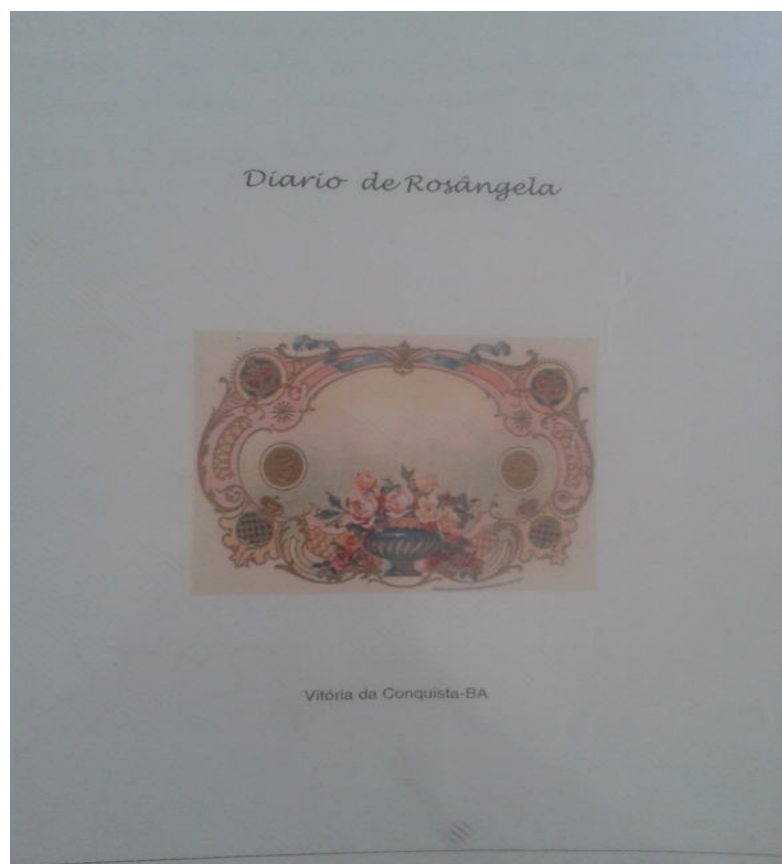
Fonte: arquivo da autora

É possível percebermos que RR consegue escrever o nome e copiá-lo a partir do prompting dado pela pesquisadora. É, também, possível notar uma melhora no processo de RR. No primeiro dado, RR escreve apenas as três primeiras letras do seu nome, e mesmo com a mediação da pesquisadora ela não consegue realizar o processo de copia, como foi possível acompanhar no segundo dado.

É importante destacar que ao ser questionada sobre sua escrita, RR era capaz, mesmo com dúvidas, de reconhecer o “erro”, embora não saiba explicar sua ocorrência. Fazia sinal com a cabeça para indicar que não estava certo e que não conseguia escrever corretamente.

Nas atividades em grupo e com o tempo nos acompanhamentos, RR demonstrou grande vontade de se recuperar e se aplicava de fato, às atividades com a linguagem, sejam aquelas propostas nas sessões, sejam as realizadas em casa por iniciativa própria (como o diário). O diário foi uma iniciativa da investigadora **Itn**, pois, segundo a irmã de RR, ela sempre procurava anotar fatos do dia-a-dia e assuntos que surgiam. O diário foi um presente confeccionado pela pesquisadora. Nele estava escrito “Diário de Rosângela”, como um reforço para a escrita de registros cotidianos. Também possuía uma figura com flores e bem colorida, algo que tornasse o diário algo mais personalizado.

Figura 5 – Diário de Rosângela



Fonte: Arquivo da autora

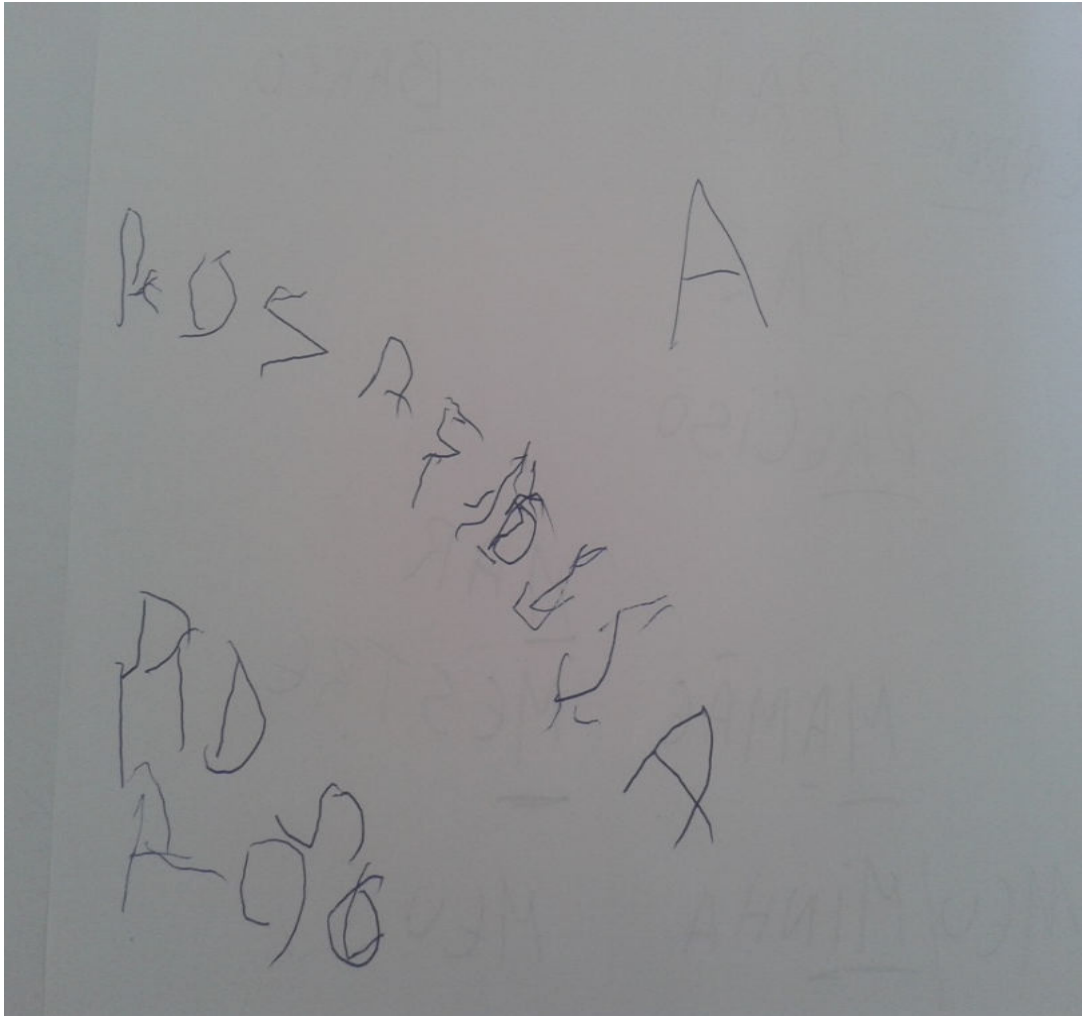
Para Coudry (1988) o diário funciona como um expediente prático e proporciona uma fonte de dados atuais do sujeito que contribui para a construção do enredo de episódios dialógicos. Dessa forma, com o diário, amplia-se o conhecimento dos interesses de RR por

parte do investigador, estimula-se a prática de atividades diferentes das usuais no acompanhamento (clínico), obtêm-se aspectos da organização da vida do sujeito que poderiam ser registrados. O diário de afazeres pode funcionar para o sujeito como um princípio organizador dos episódios dialógicos a ele relacionados e fornecer ao investigador perguntas relevantes para o sujeito a respeito da sua experiência. Dito de outra forma: o investigador tem acesso a episódios passados e atuais tais como viagens, visitas, acontecimentos sociais, questões de trabalho, família, negócios, lazer, etc que auxiliam nas trocas simbólicas no decorrer das interações.

As anotações feitas no diário eram exclusivamente realizadas por RR. Ela também possuía uma agenda, as anotações eram feitas pela irmã e pelas pesquisadoras para marcar os dias do acompanhamento, das consultas médicas e da evolução do seu caso (como conseguiu atender o telefone e andar sem muletas). O sujeito RR demonstrou interesse pelo procedimento avaliativo do diário e o transformamos em uma estratégia de escrita.

Nos dados do estudo, que aqui se apresenta, a mediação merece destaque por ser relevante considerar como experiência nesse contexto os meios de significação construídos com o outro, pois, é lançando o olhar para o que o sujeito evidencia na linguagem em funcionamento que se pode compreender a amplitude da linguagem em si. Embora, as suas dificuldades fossem grandes – sobretudo no que diz respeito às atividades de fala, leitura e escrita –, verificamos algumas melhoras como mostram os dados que serão apresentados.

Dado 3: Nessa sessão individual, RR busca, por meio da intervenção da investigadora, escrever o próprio nome.

Figura 6 – Dado 3

Fonte: Arquivo da autora

Esse dado nos revela uma escrita espontânea de RR. Nesta sessão, RR conversava com a autora desta dissertação sobre o encontro anterior e se ela havia gostado do encontro com o grupo. RR sempre iniciava o acompanhamento escrevendo o próprio nome, com uma iniciativa própria, nenhuma investigadora solicitava a ela a atividade. Apesar das dificuldades de RR para selecionar palavras (o que levava RR a produzir enunciados inteligíveis), ela reconhece as letras do nome e produz um CVCV- consoante/ vogal/consoante/vogal- estrutura silábica. Dito de outro modo, isso revela que apesar de se tratar de um quadro bastante complexo, o sujeito não está “assujeitado” (o tempo todo, pelo menos) a sua condição e é capaz de trabalhar com e na linguagem.

No primeiro texto escrito por RR, temos grande dificuldade para ler o que escreveu – devemos levar em conta a hemiparesia da mão direita e a dificuldade motora de escrever com

a mão esquerda – mas notamos como certas propriedades da escrita estão preservadas: o fato da escolha da letra inicial do nome “R” e a sequência silábica.

As intervenções feitas pela pesquisadora nessas produções foram constantes: algumas vezes foram tão insistentes que levavam a desistir do processo: o que, mesmo, ela queria escrever? Será que ela teria percebido um erro e feito alguma reparação se tivesse tido mais tempo? Ao ficar adivinhando o que queria dizer ou o que tinha escrito, acabava provocando uma limitação na possibilidade de reformulação. Por outro lado, a integração de papel enquanto colaboradora no processo de construção do texto deixou claro o significado da interlocução nesta atividade dialógica.

Em relação às interferências realizadas pela pesquisadora, observamos que foi oferecido muitos modelos escritos já que ela copiava as palavras que eram escritas, sob forma de diário, durante os registros da atividade.

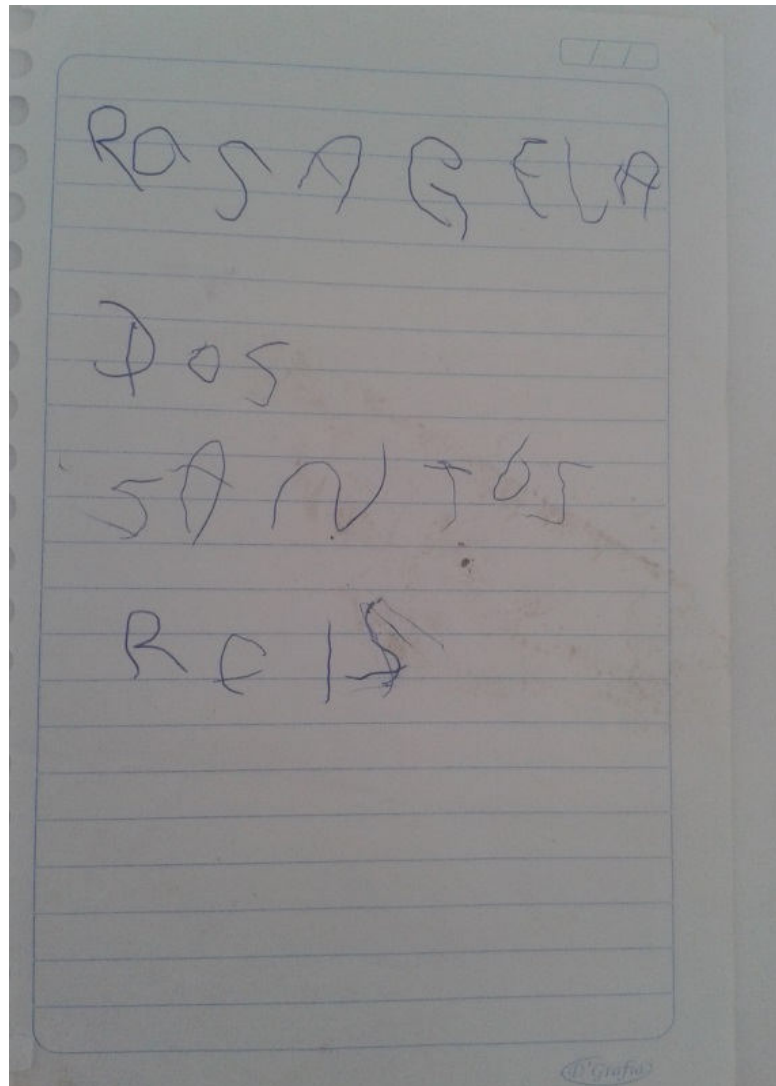
RR percebia várias vezes quando cometia erros, mas não sabia como corrigi-los. Frequentemente fazia uso de expressões que checavam se a escrita estava adequada, balançava a cabeça ou apontava o polegar como sinal negativo ou positivo: é isso? está certo? A função metalinguística, embora não reduzida a esse sistema, mostrou-se preservada, e RR a utilizava de maneira consciente. Na próxima sessão, veremos como foi o processo de cópia de RR.

8.2 O PROCESSO DE CÓPIA

A seguir, apresentaremos dados que também se referem à escrita dos nomes do filho e dos pais. Chamamos a atenção, logo de início, para o interesse de RR em escrever. Percebemos, ao longo desses quase dois anos de acompanhamento, que ela se relacionou diretamente com a produção escrita, em momentos diferentes. Na maioria das vezes, ela não se interessava em outras atividades, por exemplo, escrita com o alfabeto ou no computador, sempre recorria ao papel e a caneta para colocar-se a escrever.

O **Dado 4** foi retirado de uma sessão individual e mostra uma cópia de RR. No dia do acompanhamento, ela retirou a carteira de identidade da bolsa e começou a escrever o seu nome completo, conforme estava no documento, no caderno de **Itm**. Esse dado revela a necessidade do sujeito de retomar a escrita e como ela compreende a sua subjetividade.

Figura 7 – Dado 4



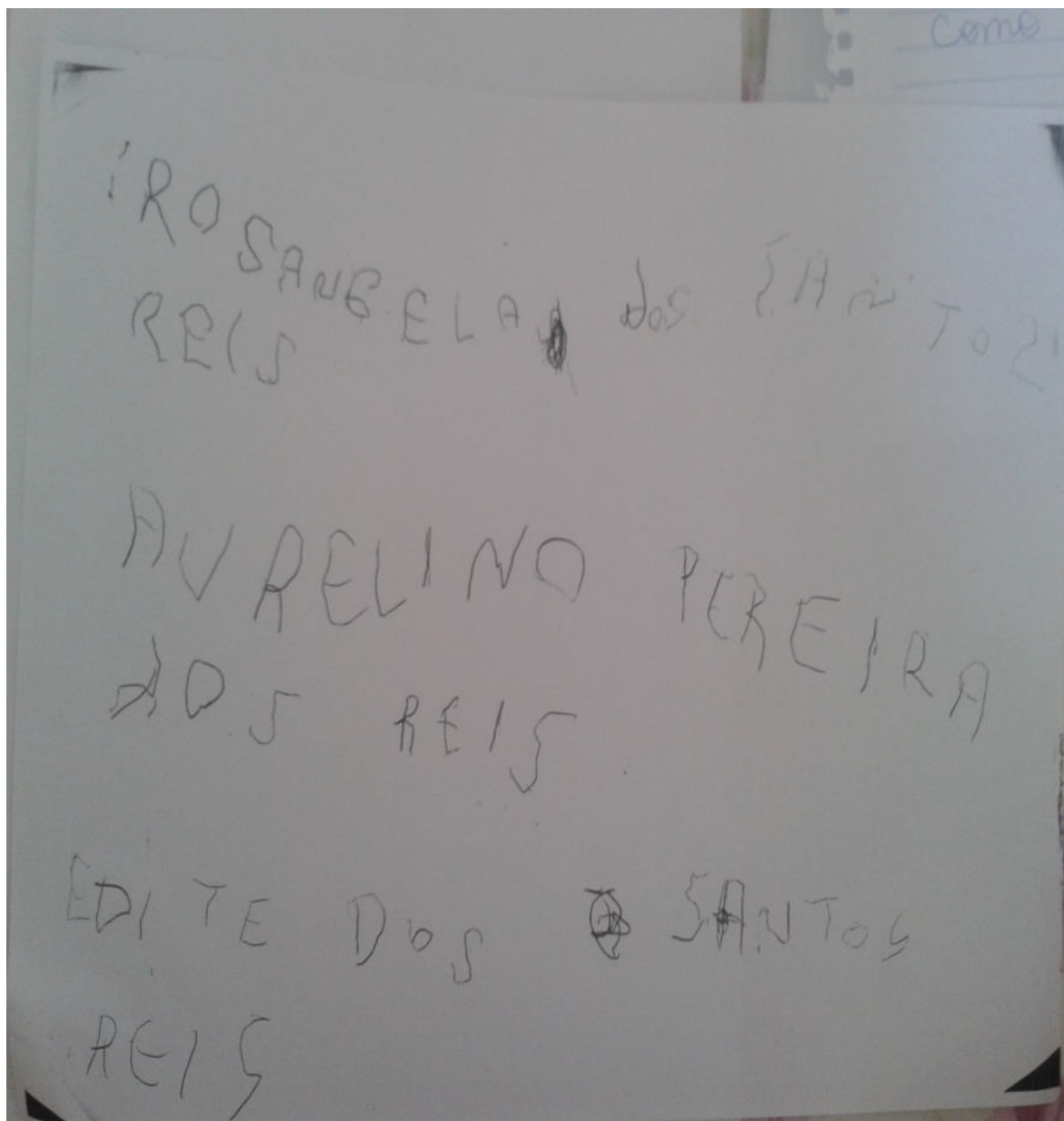
Fonte: arquivo da autora

No momento da escrita, não houve interrupções nem influência da pesquisadora, RR identificou uma forma de escrever corretamente o seu nome copiando-o através da carteira de identidade. Quando questionada se estava escrevendo o nome próprio, ela fazia sinal positivo com a cabeça. Isso aconteceu diversas vezes, mas realizamos o recorte necessário para a análises dos dados com base no critério de saturação de Minayo. É , também, possível perceber que RR não introduz a consoante N na escrita do nome. As grafias não convencionais da sílaba com coda nasal são explicadas por duas complexidades: (i) a fonético-fonológica da sílaba, particularmente do elemento nasal em coda, e (ii) a da representação ortográfica da nasalidade em português. Sob o aspecto fonético, a coda corresponde a uma redução de energia, o que pode tornar os segmentos que preenchem essa posição da sílaba menos audíveis. Sob o aspecto fonológico, a coda pode ser vista como um constituinte não imediato

da sílaba cujo preenchimento sofre restrições. É um evento comum em crianças em processo de alfabetização.

O **dado 5**, revela a cópia dos nomes dos pais produzida, também através da carteira de identidade, por RR.

Figura 8- Dado 5

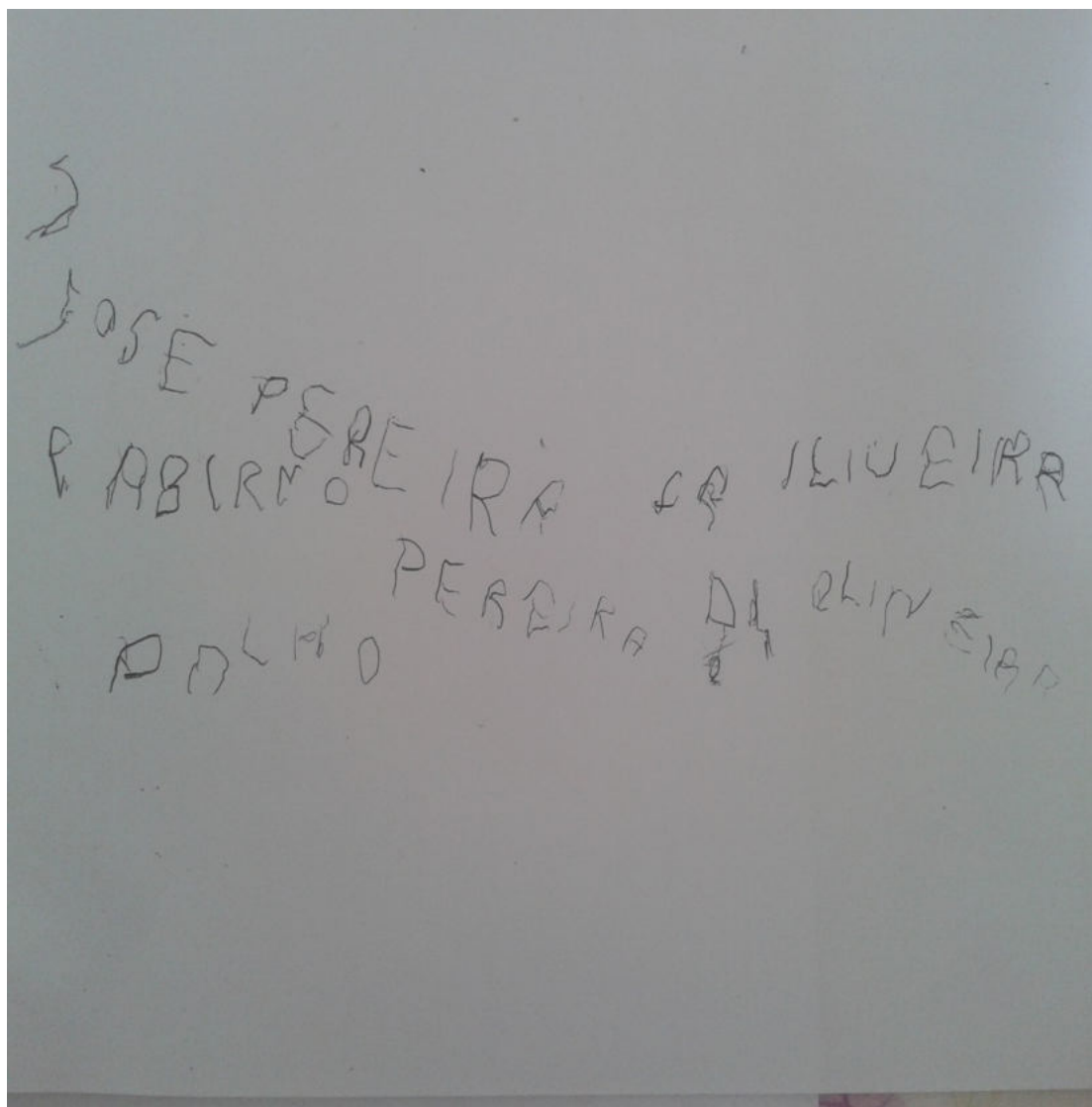


O trecho acima corresponde aos nomes dos pais de RR: Aurelino Pereira dos Reis e Edite dos Santos Reis. Embora não tenha sido necessário o diálogo com a pesquisadora para que alguma “correção” em relação aos nomes fosse feita, RR questiona se estava correto. Em seguida, a pesquisadora questiona a RR quem eram aquelas pessoas. Sem o auxílio da linguagem oral, RR retirou o álbum de fotografias, que sempre levava para os encontros, e

entregou a foto dos pais para a pesquisadora e apontou para o coração como quem diz: “meus amores”.

A seguir, o dado 6 foi retirado do diário de RR. O dado apresenta a escrita do nome do ex companheiro e do filho.

Figura 9- Dado 6



Fonte: arquivo da autora

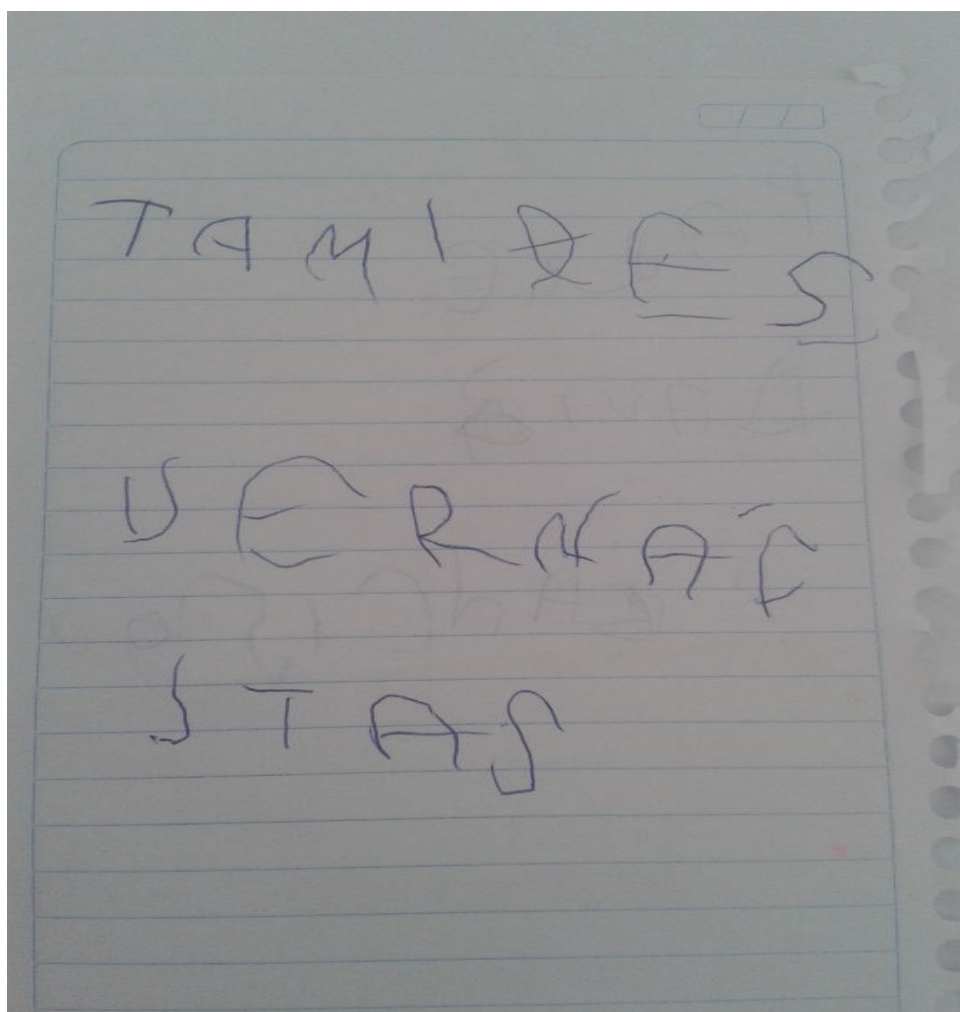
Transcrição: José pereira de Oliveira/ Fabiano Pereira de Oliveira.

Na interlocução oral entre RR e a pesquisadora, mais uma vez, observamos uma ocorrência colaborativa na atividade de produção textual escrita. Durante todo este processo de escrita, para que ela correspondesse verdadeiramente ao nome do filho e do ex companheiro, itp se colocou como interlocutora pedindo a RR que escrevesse e colocando-a

no papel de leitora de seu texto. Além disso, foram fornecidos promptings orais e escritos para auxiliá-la no acesso lexical em sua forma escrita.

O **dado 7**, também foi retirado na sessão individual e aconteceu no mesmo acompanhamento do **dado 4**. Ao perceber a assinatura da investigadora no caderno, RR começou a reproduzir o nome.

Figura 10 – Dado 7: Tâmilas Letras Vernâculas



Fonte: Arquivo da autora

Com a figura 10, é possível observar os caminhos utilizados por RR para se manter na linguagem. Neste dado ela escreve o nome da pesquisadora e a sua graduação. Mesmo produzindo cópias, RR tinha consciência do que produzia. Quando questionada, ela sempre respondia com coerência, e, apesar de faltar recursos orais, utilizava outros meios para se comunicar. Utilizava gestos, fotografias, escrita, e, por muitas vezes, fazia da pesquisadora a sua interlocutora e mediadora. Nos acompanhamentos em grupo, quando algum sujeito se

reportava a RR com alguma pergunta, ela se desculpava fazendo gestos com as mãos da sua ‘impossibilidade’ oral e pedia com um olhar que as pesquisadoras respondessem por ela. Isso demonstra o elo de confiança firmado entre as pesquisadoras Itp e Ins e sujeito.

RR frequentou o ECOA semanalmente. Nestes encontros as atividades de linguagem são amplamente compartilhadas: visto que, no ECOA, procura-se, como pode ser verificado também em Coudry (1988), Morato (2003), Sampaio (2006), explorar aspectos que constituem o funcionamento da linguagem em suas diferentes configurações (diálogos, comentários, narrativas, leituras, etc.), seus mecanismos de constituição e valor social. Dito de outra forma, isso faz com que o grupo do Ecoa se volte para as variadas formas de retomada dos usos da linguagem, sua capacidade pragmática de reconhecer os interlocutores e suas propostas discursivas, suas chances de (re)inserção em diferentes práticas discursivas.

Entender essas práticas de linguagem em que RR se inseria semanalmente leva-nos à compreensão de que forma elas podem ter exercido uma influência significativa na possibilidade de reconstrução da linguagem escrita. Tal fato poderá ser observado a seguir.

8.3 A RELAÇÃO LEITURA / ESCRITA

Tendo em vista que esta dissertação incide no estudo de caso de um sujeito afásico, RR, cuja relação com a escrita foi impactada por episódios neurológicos consecutivos, discutiremos, a seguir, como a relação entre leitura e escrita vem sendo interpretada. O processo de produção de escrita e sua relação com a leitura constituem-se como tema de pesquisa de diversas áreas, dentre as quais citamos a Linguística, a Educação, a Psicologia, a Neuropsicologia e a Fonoaudiologia, estando sujeito, conseqüentemente, a uma diversidade de perspectivas teórico-metodológicas.

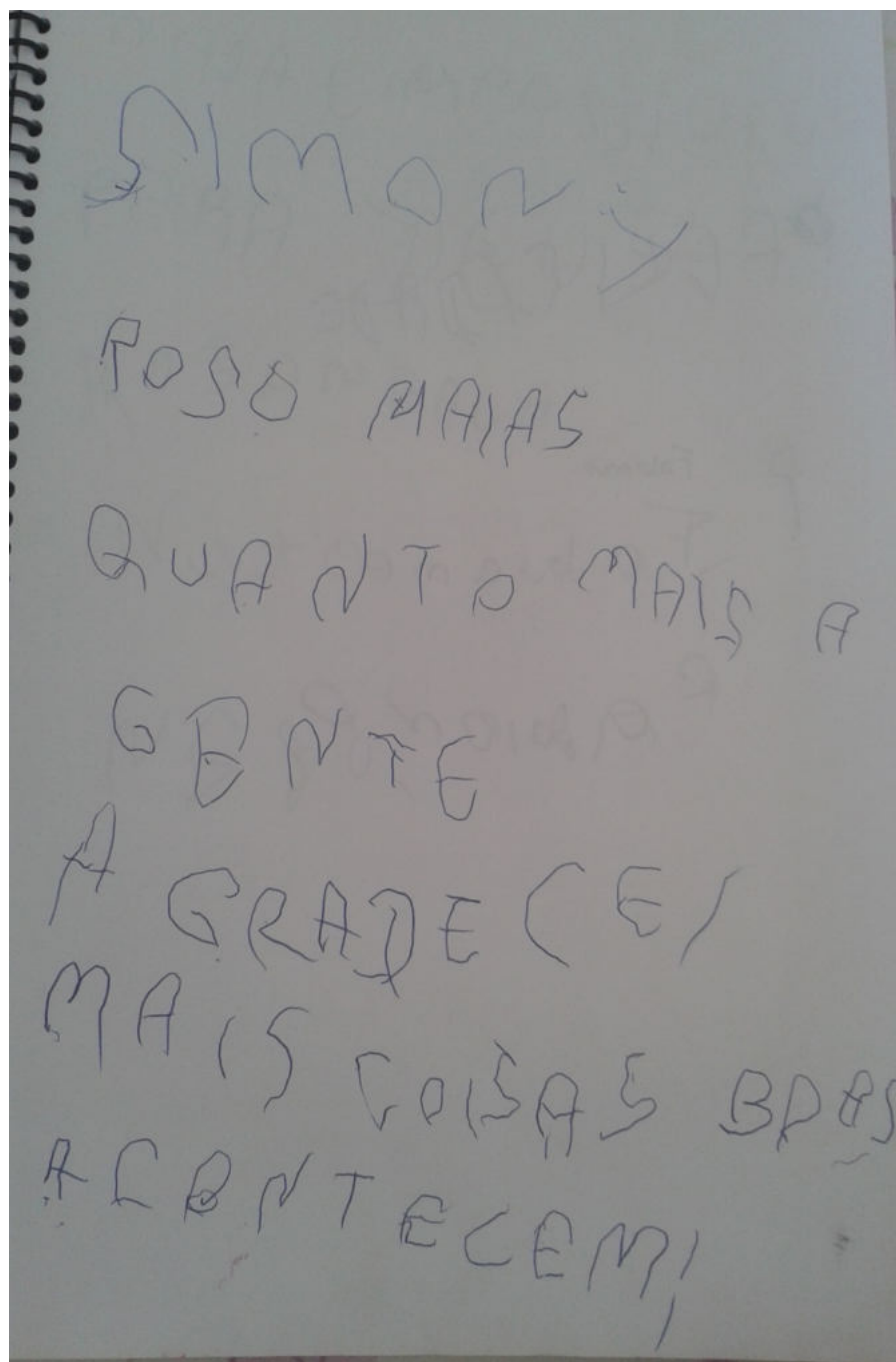
Nosso empenho por seguir esse caminho tem como uma de suas justificativas, o fato de que a escrita e a leitura, numa sociedade letrada, são importantes não somente por possuírem função de documentação, reprodução e circulação cultural e literária de uma sociedade, mas por significarem práticas sociais constitutivas do sujeito e determinantes de seu papel social. Na sociedade em que vivemos, a escrita padrão e normativa se tornam determinantes para demonstração de poder tanto econômico como político e social, ou seja, é uma maneira instrumentalizada de poder que ganha força através dos padrões linguísticos. Para a neurolinguística, esses padrões de categorização de certo/errado, nas práticas orais ou escritas, determinam na clínica o que é normal e o que é patológico.

Para Coudry, a conceituação do falante enquanto codificador/decodificador e não como sujeito que trabalha na/com a linguagem no processo de enunciação, pode, nos casos de avaliação de linguagem, abrir portas para a patologização de processos que seriam absolutamente normais em variedades não prestigiadas (COUDRY, 1986/1988). Nos últimos acompanhamentos com RR, foi possível identificar como a prática com a leitura determinou a sua escrita. Na figura 11, o bilhete escrito por RR revela o entendimento do sujeito e o significado que ela dá a mensagem. RR direciona a mensagem de agradecimento à Simony, sua antiga patroa e amiga, e à Rosa, irmã de RR.

Esse dado foi retirado de uma sessão de acompanhamento individual. RR sempre carregava na bolsa um livro de mensagens, semelhante ao livro “Minuto de Sabedoria”. Neste dia iniciamos o acompanhamento conversando sobre o fim de semana de RR e o internamento do irmão no hospital. Em seguida, a pesquisadora explicou para RR que a atividade seria a escrita de um bilhete e que ela poderia escrever para quem ela quisesse. Finalizamos o encontro com um lanche e anotações na agenda para o encontro seguinte.

RR retira o livro da bolsa e separa uma mensagem para escrever. Quando questionada para quem ela iria escrever, o sujeito RR apoia-se novamente nas fotografias. Havia naquelas fotos uma foto antiga de Simony, ex patroa e muito amiga. É importante observarmos que na grande maioria das fotos havia anotados, no verso, os nomes das pessoas retratadas e as datas.

Figura 11 – Dado 8: Simony Rosa Maria - Quanto mais a gente agradece mais coisas boas acontecem!



Fonte: arquivo da autora

Tradução: Simony, Rosa Maria: quanto mais a gente agradece mais coisas boas acontecem!

A pesquisadora volta-se para RR e pergunta quem era Simony, sem conseguir responder ela faz um gesto de carinho na foto. Em um outro momento, a pesquisadora

perguntou para a irmã de RR quem era Symone para conferir se as suas inferências estavam corretas.

Nesse dado fica evidente como RR estabelece a leitura e entende o conteúdo dela, pois a mensagem de agradecimento foi direcionada para duas pessoas que RR tinha um carinho e uma gratidão enorme.

Outro ponto que precisa ser destacado é o fato de RR manter a forma do gênero bilhete, direcionando a mensagem a um destinatário, e como ela manteve os rituais da escrita (procedimentos que envolvem a prática de leitura e escrita): o modo como organizou a folha de papel em que iria escrever o bilhete – da esquerda para a direita, respeitando os espaços entre as palavras, a formatação do texto, a criação de linhas inexistentes no papel em branco.

Chama-nos a atenção, também, quando RR assume o papel de quem dita o que deve ser escrito, movimentando-se adequadamente pelas práticas escritas e orais. RR não perde o interesse, nem diminui seu estado de atenção quando assume esse papel, participando ativamente do processo de escrita, apesar de não conseguir mais continuar escrevendo, com a produção oral.

É interessante notar, ainda, como RR consegue manter-se na interação, ao longo de toda a atividade. Podemos observar esse aspecto quando, ao ser questionado sobre para quem ela iria escrever o bilhete, ela aponta para as fotos. Vale a pena lembrar que essa postura de negociar, com o sujeito, as atividades e seus conteúdos resulta da orientação teórico-metodológica desenvolvida no âmbito da neurolinguística do IEL/UNICAMP e do Ecoa, consequentemente. Em outras palavras, tal prática, ao contrário da clínica tradicional, não fixa de antemão uma tarefa que não considere o sujeito e o funcionamento da linguagem.

Ao longo de toda a interação, como podemos notar, tanto RR quanto sua interlocutora assume papéis diferentes no processo. Apesar de ser dado a RR o tempo necessário para que ela possa trabalhar sobre os recursos disponíveis, há uma intervenção, por parte dos interlocutores, o que o auxilia na reorganização de seus enunciados, orais e escritos. Essa negociação é o que permite que o sujeito se mova de uma posição a outra e de uma prática a outra, mesmo que de maneira limitada pela condição patológica.

Assim, Coudry (2010: 95) afirma que, “fala, leitura e escrita se estruturam e se mantêm como em um tripé no processo de aquisição da escrita”, chamando a atenção, ainda, para a possibilidade de podermos, após o processo de sua aquisição, retornar ao tripé quando, por exemplo, lemos um texto que consideramos difícil: “as palavras lidas para completarem o sentido voltam a precisar do apoio da fala e/ou da escrita” (COUDRY, 2010: 95).

Nesta dissertação nossas reflexões caminham em direção a uma investigação sobre a relação entre linguagem, funcionamento cerebral e práticas sociais (*cf.* LURIA e VIGOSTSKI), por acreditarmos que o estudo dessas relações é relevante para o aprofundamento da compreensão do caso de RR e do papel das práticas sociais de leitura e escrita nos estudos sobre afasia. Assim, acreditamos que leitura e escrita vistos sob uma determinada mediação constituem-se como lugar de trabalho linguístico, histórico e social.

Nos dados a seguir, RR em uma sessão de acompanhamento em grupo realiza a atividade proposta pela investigadora. Nessa atividade, o grupo deveria assistir a um vídeo do episódio dos “Trapalhões” e responder perguntas com algumas observações do cenário, dos atores e das falas. O vídeo e o quiz de perguntas, feito em slides, foram reproduzido no data show. RR respondeu todas as alternativas, como a fala não era possível ela apontava a alternativa que considerava certa, fazia sinais para a investigadora de dúvidas e, por vezes, sinais de troca de alternativa. Nesta atividade, foi possível observar todos os acertos de RR, pois ela respondeu corretamente todas as alternativas.

Como o dado foi significativo demais para o processo de (re)construção da linguagem do sujeito, a investigadora Itp, que acompanhava RR, resolveu repetir a atividade em uma sessão individual. Desta vez, RR poderia utilizar a escrita para responder as alternativas. Isso permitiu a teorização dos dados e uma certeza de que a leitura fazia sentido.

Figura 12 – Dado 9: Os Trapalhões

1-Qual é o nome do sargento 2-Didi é o soldado de número

A) Caneta
B) Pinça
C) Pincel
D) Paçoca

• A) 39
• B) 49
• C) 29
• D) 59



Fonte: Elaborado pela Investigadora Irn

3- O que havia na cesta de lixos do quartel? (2:00)

A) sacolas de plástico
B) brinquedos
C) jornais velhos

4- Qual foi o objeto usado pelo coronel para servir de taco? (5:40)

• A) Uma inchada
• B) uma bengala
• C) uma barra de ferro
• D) uma vassoura



Fonte: Elaborado pela investigadora Irn

Na cena em que o sargento tem o cabelo cortado, há uma parede com um quadro, que desenho há nesse quadro? (8:50)

- Um rosto de uma mulher
- Uma taça de vinho
- Uma casa
- Um rio



Um rosto de uma
mulher ~~de~~
Jornal
uma VASSOURA
P/MEIS VELHOS
23 ~~de~~ ZACARIAS RIN
98 MUSSUM
54 DE DÊ SANTANA
49 Didi

Fonte: Retirado dos arquivos da autora

Transcrição: Um rosto de uma mulher/ Jornais velhos/ Uma vassoura /Pincel/ Zacarias/ Mussum/ Dedé Santana/ Didi .

Vários pontos nesses dados merecem destaque. Começamos pelas tentativas de refacção textual de RR ao perceber que a alternativa que pretendia copiar não era a alternativa correta. Ao observarmos, atentamente, percebemos que antes de escrever Zacarias ela tenta escrever o número da alternativa que ela compreendeu como a certa. Ou seja, ela substituiu um tipo de informação por outra mais relevante e coerente com o texto que queria escrever.

Apareceram, dessa forma, situações em que RR sussurrava enquanto escrevia, tal procedimento era mais frequente nos momentos de dúvida em relação ao texto, portanto, a presença de algumas correções. Esse sussurro pode ser entendido como a fala egocêntrica, quanto mais difícil mais alto as crianças falam. A fala egocêntrica age, portanto, como uma função reguladora da linguagem. No entanto, há alguns momentos em que ele usou a oralidade como um apoio à escrita, especialmente, na sua elaboração, como uma maneira de organizá-la. O processo de interlocução de Itp com RR interferiu no resultado. Houve com ela uma ocorrência maior de conversa a respeito do conteúdo do texto do que em relação a sua forma. Tal fato é coerente à condição de letramento de RR, algo que denota seu conhecimento em relação à língua escrita, anterior à afasia.

Ao perceber que RR estava na dúvida e com dificuldade para responder a segunda pergunta “Didi é o soldado de número:”, a pesquisadora realizou outra interferência e deu pistas a RR sobre a resposta correta. Ela também abriu o Google e procurou por todos os participantes dos Trapalhões. Nesse momento RR escrevia o nome de cada personagem através do computador que estava conectado ao data show.

Com um olhar mais atento, podemos notar que RR coloca o número da alternativa em frente a cada nome, como por exemplo: 29 Zacarias e B Mussum. Ao notar a resposta correta, RR redireciona o número da alternativa ao personagem correto: 49 Didi. Ao ser questionada sobre a resposta, ela fazia sinal positivo com o polegar e sorria, como quem diz: tenho certeza!

Outro ponto também a ser destacado era a reação que RR tinha ao passar as imagens de Zacarias e Mussum. Ela reagia com gestos e sons de tristeza, como: “Oh! Oh”. Ao perguntar se ela ficava triste com a morte dos dois ela respondia enfaticamente: “sim, sim”. Isso nos deixou claro que RR estava realizando de maneira coerente a relação entre as imagens e as alternativas escritas.

O dado nos mostra a boa condição de RR como escrevente do gênero solicitado, quando escreve os itens organizados conforme era solicitado. Ao reler o que escrevia, fazia reformulações auto iniciadas e mobilizadas pela sua própria leitura.

Observando os textos elaborados por RR identificamos que, embora seja uma escrita com alguns problemas, os textos, em relação à elaboração, ao formato, aos aspectos de coerência e coesão, são bastante aceitáveis e legíveis. Nesse sentido é que afirmamos que RR manteve preservadas as regras formais do uso da modalidade escrita da língua.

Nesse processo de escrita, foi possível verificar que RR necessitava de intervenção da pesquisadora/investigadora enquanto interlocutora-colaboradora-mediadora para realizar a

escrita como também para perceber e proceder a modificações em seus textos. Essa intervenção foi frequente em todos os momentos.

O trabalho realizado por RR com sua escrita, especialmente, indicou uma preocupação em tornar esta uma atividade consciente, de maneira que os “erros” fossem uma alternativa para os acertos. Tal processo nos indicou uma busca por um maior entendimento de sua condição de sujeito, ainda que afásico, de linguagem – uma tomada de consciência sobre sua subjetividade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que a avaliação e a intervenção linguística eficazes colaboram sobremaneira com a reorganização do funcionamento da linguagem dos sujeitos afásicos e como o processo de reorganização da escrita sublinha enigmas que evidenciam um caminho aos acertos por parte de RR.

O que se destaca nesse processo é que a reconstrução da linguagem não se dá no isolamento e sim no encontro com o outro e com os recursos linguísticos. É no momento que RR interage com o investigador com o seu novo padrão de normalidade que suas intenções vão transparecendo e que as suas ideias são compartilhadas. Dessa forma, a sua instabilidade transforma-se em estímulo para um processo de significação e reconstrução. Dessa maneira, o significado da palavra e o seu entendimento dependem necessariamente da relação que se estabelece entre os sujeitos. Esses aspectos devem ser destacados no estudo de caso após ocorrências neurológicas que tornam sujeitos afásicos, pois, o trabalho de reconstrução dos aspectos linguísticos apagados é um trabalho em conjunto.

O desenvolvimento apresentado pelo sujeito RR durante os processos de produção escrita apontou para um ganho em termos de suas práticas de letramento. Atribuímos isso tanto à prática desenvolvida em função desta tese, quanto à frequência dela nos encontros do ECOA. Tais ganhos também indicaram que as condições sociais em que os afásicos se inserem são primordiais em seus desempenhos como sujeitos de linguagem: acreditamos que as práticas de linguagem vivenciadas no ECOA e o fato de que os textos escritos tiveram um objetivo real (assinar o nome na perícia do INSS) foram grandes mobilizadores do processo.

Podemos verificar que a interlocução, como averiguamos, é constitutiva das práticas de linguagem. O que diferencia os sujeitos afásicos de outros falantes-escreventes é que, para eles, parece ser mais difícil manter a imagem formada sobre quem é seu interlocutor, na ausência desse. Isso nos leva a considerar que a presença física do outro seja essencial nesses casos. E a questão que se formula é: na ausência física de um interlocutor no momento da construção, o sujeito afásico seria capaz de proceder a essa atividade?

Não é possível saber ao certo. Porém, a construção da linguagem escrita pode acontecer “à distância”, como parece ter acontecido com RR, que levava o diário para casa, motivado pela participação conjunta no trabalho. No entanto, acreditamos que foi na construção com outro que RR conseguiu se desenvolver.

As atividades de linguagem escrita, desenvolvidas pelo sujeito afásico, em especial as do gênero bilhete, carta e cartão, foram produzidas melhor a partir da interlocução com um

outro, de preferência escrevente, da construção conjunta, colaborativa, negociada, e na presença física do interlocutor.

Os processos de letramento dos sujeitos escreventes são constitutivos das práticas textuais produzidas por eles. Consideramos fundamentais nesse processo as condições de letramento, as situações de interação durante a produção do texto escrito e as possibilidades de refacção nestes contextos. Os dados que apresentamos apontaram o quanto os modos de interação, as histórias de vida, os letramentos são processos importantes na caracterização e compreensão dos movimentos que marcam as relações entre essas práticas discursivas com linguagem oral e escrita.

A questão da mediação e do papel constitutivo da linguagem nos remete aos construtos teóricos vygotskyanos. Morato (1996), refletindo sobre as ideias de Vygotsky, afirma que ele

teve o mérito de assinalar o papel constitutivo e estruturante da linguagem em relação aos processos cognitivos (...) na medida em que ele toma a linguagem como o principal mediador necessariamente simbólico entre as referências do mundo social e as do biológico. Como mediação do real, a linguagem só pode ser apreendida como fenômeno cognitivo em termos relacionais (representacionais), já que para Vygotsky aquilo que é interno não é espelho daquilo que é externo. Ou seja, a relação do homem com a realidade, mediada pela linguagem, só pode ser pensada no domínio da interpretação. (Morato, 1996, p.18)

Segundo Morato (1996) “a mediação é, portanto, condição e interpretação da vida mental dos indivíduos [...], sendo o contexto e as relações intersubjetivas condições absolutamente indispensáveis para que os processos cognitivos sejam relacionados aos fatos de linguagem”. (p. 100).

Com relação ao sujeito investigado, podemos afirmar, finalmente, que a atividade de escrita levou-o à conquista de uma maior autonomia enunciativa provocada, especialmente, pela interlocução/mediação.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. (1994). Índícios das primeiras operações de reelaboração nos textos infantis. In: **Estudos Linguísticos XXIII, Anais de Seminários do GEL**, v. 1, São Paulo, SP: USP. pp. 367 -372
- _____. (1996) Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. de (org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**.
- _____. (2003). Questões sobre o estilo e sua relação com gêneros do discurso no processo de aquisição da escrita. In: **Caderno de Estudos Linguísticos**, 44. Campinas, SP:Unicamp.
- _____. & COUDRY, M. I. (2008). Em torno de sujeitos e olhares. In: **Estudos da Língua(gem)**, v. 6, pp 1 -10.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 2ª ed., São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981. (Edição original, 1929)
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. cap. 5. p. 81-92.
- CHAUÍ, M. **Apresentação: os trabalhos da memória**. In: BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de Velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia da Letras, 1994. (p. 17-33) (ed. Original: 1973).
- COUDRY, M. I. H. (1986/1988). **Diário de narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. São Paulo: Martins. Fontes, 2001
- _____. (1996). O que é o dado em Neolinguística? In: CASTRO, M. F. P. de (org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**.
- _____. & POSSENTI (1983). Avaliar discursos patológicos. In: **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 5 pp 99 – 109.
- COUDRY, M. I. H. **Centro de Convivência de Afásicos: Fundamentos teóricos e metodológicos** In: *Anais do 1º Encontro do CELSUL*, Vol. nº1. Florianópolis. 1997 a. _____. 10 anos de Neurolinguística no IEL. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 32: 09-23. 1997b.
- _____. **Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolinguística**. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 99-129, 2002 a.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FRANCHI, C. **Linguagem – atividade constitutiva**. Cadernos de Estudos Lingüísticos, nº 22, Jan./Jun. Campinas: UNICAMP/IEL, 1977/1992.

FREUD, S. (1891/1973). **A interpretação das afasias**. Tradução de Ramón Alcalde. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

GINZBURG, C. (1989). Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____ **Mitos e emblemas sinais: morfologia e história**. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

JAKOBSON, R. (2005). **Linguística e comunicação**. São Paulo, SP: Cultrix

JAKOBSON, R. **A afasia como um problema lingüístico**. In: LEMLE, M. (Org.). Novas perspectivas lingüísticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970, p. 43-54.

KLEIMAN, A. (1998). Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (org). **Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 173-203.

LARROSA, J. **Ler é como traduzir sob a condição babélica da língua**. Conferência proferida no 13º COLE (Congresso de Leitura do Brasil), UNICAMP, Campinas, 2001.(anotações feitas durante a conferência).

LURIA, A. R.(1981). **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: EDUSP.

MARCUSCHI, L. A. **Contextualização e Explicitude na Relação entre Fala e Linguagem Escrita**. Conferência apresentada no I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino na UFAL. Maceió, AL. 1994. (14 a 18 de março).

Minayo MCS. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. 9ª edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec; 2006. 406 p.

MORATO, E. M. *Um Estudo da Confabulação no Contexto Neuropsicológico: o discurso à deriva ou as sem-razões do sentido*. Campinas, SP: [s.n.], Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1995a. (Tese de doutorado em Linguística)

_____. **Significação e neurolingüística. Temas em neuropsicologia e neurolingüística**, 4: 26-31, 1995b.

_____. *Afasia e heterogeneidade discursiva. Investigando a linguagem*. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 1999.

_____. Neurolingüística. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à Lingüística. Domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. (org.) **Sobre as Afasias e os Afásicos: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

NOVAES-PINTO (2012) **Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sóciohistórico- cultural: inferências a partir do estudo das afasias**. In: Letras Hoje

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leituras e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes. 1996/1998.

ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. **Unidade e Dispersão: uma questão do sujeito e do discurso**. Discurso e Leitura. São Paulo/Cortez, Campinas/Ed. da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. **Discours: Structure ou Evennement?** (Traduzido por Eni Orlandi. Discurso: estrutura ou acontecimento? Campinas, Pontes, 1990.). Illinois, University Press, 1983.

SAMPAIO, N.F.S. **Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala**. Originalmente apresentada como Tese de Doutorado. Campinas: Dep. de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2006.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1916. 279 p. Edição consultada: 2006

SANTANA, A. (2002) **Escrita e afasia: o lugar da linguagem escrita na afasiologia**. São Paulo, SP: Plexus.

TFOUNI, L.V. (200). **Letramento e alfabetização**. São Paulo, SP: Cortez.

VYGOTSKY, L. S. (1984). **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1987). **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, SP: Martins Fontes.

_____. **A pré-história da linguagem escrita**. In: *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. (edição original, 1931).

ANEXO

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO APRESENTADO AO SUJEITO RR

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Tâmilis Paiva Novaes

Prezado (a) senhor (a)

Eu sou Tâmilis Paiva Novaes e estou realizando juntamente com a professora Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários-DELL, da UESB-VC o projeto de pesquisa chamado “*Implicações e Aspectos Linguísticos da Escrita de um Sujeito Afásico*”.

O objetivo geral deste projeto é analisar e descrever quais são as alterações linguísticas decorrentes da afasia e como essas alterações afetam a vida do sujeito afásico. Assim como também buscamos investigar como o sujeito acometido por essa patologia pode reconstruir a sua linguagem e se reinserir no convívio social.

Convido você a participar deste projeto, pois esta pesquisa poderá contribuir para a investigação de recursos e alternativas para a observação e o tratamento dessa alteração de linguagem, assim como colaborar com a elaboração de instrumentos adequados para o acompanhamento de um sujeito afásico. Sua participação é voluntária e consistirá em participar dos acompanhamentos longitudinais realizados pelos pesquisadores. O participante da pesquisa pode estar sujeito a um desconforto durante o acompanhamento, tal como cansaço que será resolvido, assim que detectado pelo pesquisador, através da mudança de atividade ou método de realização do acompanhamento. Todo esse processo ocorrerá após a assinatura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Ao participar desta pesquisa, você não será identificado (a), permanecendo em anonimato e poderá retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem sofrer nenhum prejuízo. Esta pesquisa também não traz gastos financeiros para você, nem qualquer forma de ressarcimento ou indenização financeira por sua participação. Além disso, sua participação nesta pesquisa não é obrigatória e, caso não deseje participar da mesma, sua vontade será respeitada. Os dados dessa pesquisa serão arquivados pelas pesquisadoras por cinco anos.

Você pode solicitar esclarecimentos em qualquer etapa da sua participação na pesquisa. Tais esclarecimentos podem ser obtidos com Tâmilis Paiva Novaes através do e-mail tamy_paiva@hotmail.com ou do telefone (77) 8857-9716 e com a Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio através do e-mail nirvanafs@terra.com.br.

Se você aceitar participar desta pesquisa, precisará assinar o TCLE em duas vias (uma via ficará com você e a outra ficará com a pesquisadora). Em caso de dúvida, você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB) pelo telefone (73) 35289727, pelo e-mail cepuesb.jq@gmail.com, ou no seguinte endereço: Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro: Jequiezinho, Jequié – Bahia. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão que analisa os projetos de pesquisa quanto a seus aspectos éticos.

_____ - BA, ____ de _____ de _____.

Pesquisadora Responsável

Pesquisadora Responsável

Participante